

Voz de S. Antonio



Revista mensal ilustrada

Abençoada por S. S. o
Papa Leão XIII pe-
lo Ex.^{mo} Ordinário
e varios Prelados.

N.º 8

AGOSTO
SÉRIE 4.^a
7.º anno

Paulien

SUMMARIO: *Mais documentos para a historia das juntas. — Os clinicos do Hospital de Vizeu e as Irmãs Hospitaleiras; o snr. dr. Eduardo. — A Meza da Santa Casa da Misericordia.*

Os leitores lembram-se d'aquelle grande *bebão* das juntas liberaes famigeradas ordens religiosas de frades novos, presididos pelo snr. Dias Ferreira?

Recordam-se da celebre reunião do Largo da Abegoaria onde se disseram mundos e fundos sobre indifferentismo neuronico, milagres de Santarem, questões de liberdade... de cacete?

E o fiasco d'Aveiro onde o mais entusiastico orador contra os jesuitas declarou que só poderia dar um tostão — um tostão! — por mez, para as humanitarias obras da junta?

E a situação impagavel em que se poz a gente liberal de Vizeu perante o porte irreprehensivel da Santa Casa da Misericordia, que se dá bem com as Irmãs Hospitaleiras?

Pois archivem lá mais alguns documentos, e conservem-nos na memoria fresquinhos, que tudo lhes servirá para futuras apreciações da nova fradaria lusitana.

Téem a palavra os illustres clinicos do Hospital de Vizeu:

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. (Provedor da Misericordia)

Accusando o officio n.º 21 de V. Ex.^a, em que V. Ex.^a me pergunta se as irmãs hospitaleiras devem continuar a fazer serviço hospitalar, tenho a honra de responder a V. Ex.^a em harmonia com o voto, que dei quando se discutiu na sala das sessões da mesa o projecto do Regulamento Geral do Hospital da Santa Casa da Misericordia d'esta cidade.

Então muito expressamente me declarei contra a admissão das irmãs ao serviço hospitalar, e não tendo mudado de opinião em relação a congregações religiosas, em harmonia com o voto de então, opino por a não continuação do seu serviço hospitalar.

Vizeu, 30 de julho de 1901.

(a) Eduardo Augusto David e Cunha.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr.

A' pergunta que V. Ex.^a me faz em seu officio n.º 23 de 26 do corrente, respondo — que julgo não ser conveniente que no hospital da Santa Casa d'esta cidade, continuem a fazer serviço as irmãs hospitaleiras.

Vizeu, 30 de julho de 1901.

(a) Eduardo Corrêa d'Oliveira.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr.

Em cumprimento do officio de V. Ex.^a n.º 24 de 26 do corrente, tenho a honra de responder que julgo não ser conveniente, que no Hospital da Santa Casa continuem a fazer serviço as irmãs hospitaleiras.

Vizeu, 30 de julho de 1901.

(a) Luiz Ferreira de Figueiredo.

Cumpre me informar V. Ex.^a, em resposta ao officio n.º 22, de 26 do corrente, que julgo conveniente não continuarem as irmãs hospitaleiras a prestar serviços ao nosso hospital.

Vizeu, 30 de julho de 1901.

(a) José de Mello Ferrari.

Como se vê, os tres ultimos illustres facultativos votam contra o serviço hospitalar das Irmãs da Caridade, sem dizerem o porquê da sua reprovação.

Mais claro porem é o pensamento do clinico-director que faz entrar na Santa Casa da Misericordia este officio:

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr.

Em cumprimento do artigo 18 do regulamento hospitalar, remetto a V. Ex.^a a copia da acta da sessão extraordinaria em 28 do corrente mez.

Como V. Ex.^a verá, a sessão foi-me requerida pelos tres facultativos que a subscrevem, e o assumpto indicado — a conveniencia ou inconveniencia de continuarem a fazer serviço as irmãs hospitaleiras.

Na acta está assignada a unanimidade de votos do conselho contra a continuação do serviço congreganista, *explicando eu que o meu voto foi em obediencia aos meus principios, que, como todos sabem, são anti-catholicos e por isso reprovam as manifestações do catholicismo.*

Não obstante, *como clinico director do hospital, cumpro me repetir a V. Ex.^a o que por mais d'uma vez tenho affirmado em documentos officiaes: — que é excellente o serviço das irmãs como enfermeiras e principalmente como serventes. E' certo que no pessoal laico tambem se podem encontrar, e eu já encontrei durante trinta annos de clinica hospitalar, bons enfermeiros e enfermeiras, mas isto não é razão para se amesquinhar o serviço das irmãs.*

V. Ex.^a e toda a cidade conhece, repito, os meus sentimentos contra as congregações, os quaes, todavia, me não impedem de affirmar categoricamente que o serviço das actuaes hospitaleiras me satisfaz completamente como clinico-director d'este hospital.

Vizeu, 30 de julho de 1901.

(a) Eduardo Augusto David e Cunha.

De modo que, **em these**, o snr. Eduardo Augusto David e Cunha, em obediencia aos seus principios anti-catholicos, **reprova as manifestações** do catholicismo. Mas, **de facto**, em obediencia á realidade das coisas e ao seu experimental conhecimento, **acha excellente o serviço das irmãs como enfermeiras e principalmente como serventes.**

Registamos a confissão do illustre clinico e fazemos justiça á sua sinceridade.

Mas que diacho é isto de admitir uma coisa na pratica, e achal-a boa e enchel-a de encomios, quando por outro lado se renega na theoria?

Será porque o catholicismo, cujos principios se desadoram, não exerce nas manifestações da vida humana todo o feliz ascendente de outras instituições philantropicas?

Será. Mas as Irmãs Hospitaleiras de Vizeu são catholicas de credo e mandamento; professam o ca-



Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

SUMMARIO

A actualidade.

- I Parte — *Secção Doutrinal*: Hontem e hoje — Atravez das Revistas: O Oriente, La Civiltà Cattolica. — Santa Rosa de Viterbo. — Fé pratica. — Indulgencias, etc.
- II Parte — *Secção Historica*: Convento e Igreja de Santo Antonio. — Pensamentos. — Anecdotas e contos moraes.
- III Parte — *Leituras Amenas*: A morte da Deusa Razão. — Os anjos de Luisinha (conto infantil).
- IV Parte — *Culto de Santo Antonio*: A Grandiosa Obra de Santo Antonio. — O Pão dos Pobres em Braga. — Vianna. — Covilhã. — Vizeu. — Portalegre. — Escalios de Baixo. — Angra. — Bahia. — Porto-Alegre e diversas partes. — Recommendações. — Os nossos defuntos.
- V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria*: Gallicanismo. — O jogador (*poesia*). — Notas scientificas e litterarias. — As nossas illustrações. — Bibliographia.
- VI Parte — *Chronica Universal*: Roma. — Portugal. — Inglaterra e Transval, etc.
- Gravuras*: S. Francisco e a Indulgencia do Perdão. — Nossa Senhora d'Assumpção — Kruger e sua esposa.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

Pap. e Typ. Universal — Augusto Costa & Pereira.

A actualidade

Os trabalhos d'esta geração revolucionaria não acabarão. Educada a despresar a Igreja a rir-se dos mysterios, a blasphemar, as coisas santas, o seu orgulho e a sua depravação não encontram limites.

Os homens de Estado sonham no restabelecimento do antigo imperio romano com toda a sua grandeza suffocante e brilhantismo corruptor. Julgam poder ser felizes no gôso e no vicio doirado e inebriante. Por isso e para isso pretendem, se possivel fôr, extinguir da face da terra a Igreja de Jesus Christo, e tudo quanto possa dar alento e vida ás efficazes e consoladoras doutrinas do christianismo. A febre do Paganismo devóra os homens d'hoje, e em tudo procuram reviver as concepções caducas e deshumanas do

mundo, que a palavra do Redemptor, e o proprio excesso do vicio sepultaram em sangrenta e fumegante ruina!

Consequil-o-hão?

Acabar com a influencia do Evangelho ser-lhes-ha impossivel, porque a propria natureza humana, embora corrompida, ha de reagir contra a sua total decadencia. O grito da alma, embora suffocada pelo estonteamento da riqueza e enfranquecida pelas seducções do prazer e do orgulho, ha de sempre dar rebate, porque a imagem de Deus está n'ella impressa indelevelmente, e Deus opera sempre!

Póde o homem lutar, e lucta com effeito, contra os dictames inmanentes da sua natureza racional e fundamentalmente christã; mas a illimitada misericordia do Eterno, as dôres e a confusão do peccado hão de fazer com que o homem cêda alfim á poderosa mão do seu Bemfeitor.

Contra, porém, a influencia do *humanismo*, d'essa philosophia que pre-

tende pintar e inculcar a excellencia e beneficios das doutrinas e do viver do mundo pagão, fôra mister que em todas as escôlas superiores se fundasse um curso de historia romana e grega, tendente a estudar com verdade a miseria e até o horror da vida d'essas sociedades, que se nos pretendem apresentar como modelos de felicidade terrestre.

Pelo fructo se conhece a arvore, e era assim que se deveria estudar a antiguidade classica a fim de, pelo menos, minorar a admiração e os desejos de imitação d'aquillo que é pouco conhecido, ou adrede engrandecido pelos inimigos da verdade e do bem commum.

Ha hoje eminentes auctores catholicos que téem trabalhado n'este sentido: vulgarisal-os nas escôlas e no publico illustrado por meio de conferencias, seria de um beneficio inestimavel. A corrupção intellectual das classes illustradas deriva em grande parte da litteratura chamada humanista, e nada melhor para a debellar do que o estudo do christianismo sob o ponto de vista dos costumes e civilização. O contraste não pôde deixar de impressionar os homens sinceros. Por outro lado, se se ajuntasse ao estudo acima indicado, uma rapida noção das praticas dos varios ritos do polytheismo, a deshumanidade e até a bestialidade d'esses cultos de sangue e impudicia, mostrariam quão longe estava a religião do culto d'esses povos cegos e infelizes.

Oh! quanto devemos a Deus e a N. S. Jesus Christo por termos nascido na sua Santa Igreja!

Filhos de Deus e de Jesus, quem nos arrancará esta gloriosa herança, que nos torna ricos, felizes e santos?! Que Deus, todo poderoso e clemente,

nunca permitta que tal succeda a nós portuguezes gerados ao pé da Cruz, e tanta vez protegidos pela clemencia de Jesus Christo e pelo amor da sua Santissima e desvellada Mãe!



Secção doutrinal

Hontem e hoje

Não podemos duvidar de que tambem em nossos dias haja familias christãs. E, se interrogarmos uma por uma a maior parte das familias portuguezas, responder-não affirmativamente, offendendo-se porventura se de tal duvidassemos.

Mas assim como no exterior e material de nossas modernas habitações, ha grande differença entre as de nossos antepassados e as nossas, do mesmo modo podemos opinar do interior do que se passa de paredes a dentro, e realmente assim é: ha praticas boas, que já não estão em moda, e cahiram em desuzo, ha praticas novas, que, por não muito recommendaveis, deviam passar de moda e cahir em desuzo.

Se não vamos por partes:

Esses entes queridos, que nos precederam na existencia, costumavam benzer a mesa antes de se assentarem a comer, e nunca d'ella se levantavam sem dar graças a Deus depois da refeição.

Que quadro tão formoso e tão christão! O chefe da familia pede em nome de todos suas bençãos ao Deus de toda a bondade, e a mulher, os filhos e os creados todos, formando uma encantadora corôa, respondem em alta voz á oração do pae, confessam que aquelle alimento lhes vêm do céo e preparam se para receber como tal esse dom verdadeiramente divino.

Hoje os filhos d'esses paes apenas se atrevem a conservar d'essa antiga e saudosa pratica o signal da cruz, e isso quando não está alguém extranho á familia, quando não ha na mesa outros convidados.

Entre muitas familias protestantes da Inglaterra ainda se conserva este louvavel costume.

E nós que nos chamamos *catholicos portuquezes*, envergonhamos-nos de uzar das insignias, que tanto nos deveriam honrar! ? . . .

E que diremos da oração em commum dirigida por aquelle, que em casa faz as vezes de Deus ?

Confessemos que é bello e encantador, mui conforme aos destinos do homem, mui proprio para produzir profunda impressão na alma das creanças, o espectáculo de uma familia christã, reunida ao anoitecer na capella do aristocratico palacio, ou n'outro lugar decente da modesta vivenda, e prostrada deante do Pae de todos os homens, elevar *socialmente* por assim dizer, seu coração ao céo, dar graças ao Senhor pelos bens e graças concedidas a seus filhos n'aquelle dia proximo a terminar, pedir-lhe perdão das faltas, que a fragilidade ou a dissipação fizeram commetter, e renovar a seus pés a promessa e firme resolução de estar para o futuro de guarda sobre si mesmo e sobre suas obras.

Com grande satisfação de minha alma pude vêr por mim mesmo em uma das familias principaes d'uma provincia proxima reunirem-se na cosinha o senhor e a senhora da casa, collocarem-se de um lado as mulheres dos diversos creados e dependentes da casa com suas respectivas filhas, e do outro os maridos e seus filhos e alguns pastores; tomava a presidencia o capellão e começavam o santo rosario, respondiam todos juntos e em alta voz os homens, e as mulheres cansados do trabalho..

*
* *

Mas isto já passou, não está em moda; e por isso já está geralmente abolido, destruido e fóra de nossos costumes.

Fazer o signal da cruz, a divisa do christão, isso é hoje um acto humilhante, que... envergonha! Por isso os senhores e senhoras de nossos dias, salvo honrosas excepções, quando vão á Igreja, fazem uns gestos quaesquer, que nem são cruz, nem coisa que o valha; ou melhor, essa especie de *zig zag*, que fazem com a mão, deve ser a imitação do riso burlesco com que Satanaz presencinha semelhantes scenas.

Resar as *Ave Marias* na rua ou na praça, quando toca ás Trindades... isso sim! ?

Deus nos livre!!... Que diriam de nós! Ir-nos-hiam envergonhar deante dos outros...

E estes mesmos... *christãos e christãs* não se envergonham de apparecer n'um baile deante de centenaes de pessoas, que se fixam n'elles e n'ellas, que os contemplam com voluptuosa curiosidade; não se horrorisam, especialmente ellas, de apparecer quasi nuas com esses decotes, invento de Satanaz para perverter as almas; não se espantam de deixar apertar a cintura e juntar seus corpos em libidinoso contacto para dançar entre os braços de um homem!...

Ah! não vos admireis que ali está a mãe para guardar sua filha... Mas para guardal-a de quê? de uma falta? póde acaso a mãe em taes circumstancias guardar os olhos, as mãos, o coração?...

Mas... *assim se usa!*... Hipocrisia! Hipocrisia!

Não posso resistir á tentação de copiar aqui uma pagina bellissima de um inimitavel auctor.

«A mãe, diz, descança socegradamente em um angulo do salão, onde não se baila, emquanto que a filha passeia com más companheiras no salão do baile.

Acerco-me da mãe, por não haver outrem, que o faça e digo-lhe:

— Minha senhora, essa tranquillidade quer dizer que V. não sabe o que se passa.

— A mãe abre ao mesmo tempo os olhos para exprimir a sua admiração e a bocca para dizer:

— Não sei nada!

— Melhor seria que o não soubesse, se não fóra peor não o saber...

E' claro que com estas mysteriosas palavras despertei n'ella tres cousas, que em minha opinião nunca dormem.

O temor, o interesse e a curiosidade.

.....
«A mãe dirige-me quasi ao mesmo tempo estas mysteriosas palavras:

— Que ha de novo? Que ha de novo?

— «Cheguei-me ao seu ouvido e disse-lhe:

— «Viu a Emilia?

— «E depois?!

— «Causou-me pena.

— «Como!

— «O braço de um joven rodeava-lhe a cintura.

— «E' impossivel.

tende pintar e inculcar a excellencia e beneficios das doutrinas e do viver do mundo pagão, fôra mister que em todas as escôlas superiores se fundasse um curso de historia romana e grega, tendente a estudar com verdade a miseria e até o horror da vida d'essas sociedades, que se nos pretendem apresentar como modelos de felicidade terrestre.

Pelo fructo se conhece a arvore, e era assim que se deveria estudar a antiguidade classica a fim de, pelo menos, minorar a admiração e os desejos de imitação d'aquillo que é pouco conhecido, ou adrede engrandecido pelos inimigos da verdade e do bem commum.

Ha hoje eminentes auctores catholicos que têm trabalhado n'este sentido: vulgarisal-os nas escôlas e no publico illustrado por meio de conferencias, seria de um beneficio inestimavel. A corrupção intellectual das classes illustradas deriva em grande parte da litteratura chamada humanista, e nada melhor para a debellar do que o estudo do christianismo sob o ponto de vista dos costumes e civilisação. O contraste não pôde deixar de impressionar os homens sinceros. Por outro lado, se se ajuntasse ao estudo acima indicado, uma rapida noção das praticas dos varios ritos do polytheismo, a deshumanidade e até a bestialidade d'esses cultos de sangue e impudicia, mostrariam quão longe estava a religião do culto d'esses povos cegos e infelizes.

Oh! quanto devemos a Deus e a N. S. Jesus Christo por termos nascido na sua Santa Igreja!

Filhos de Deus e de Jesus, quem nos arrancará esta gloriosa herança, que nos torna ricos, felizes e santos?! Que Deus, todo poderoso e clemente,

nunca permitta que tal succeda a nós portuguezes gerados ao pé da Cruz, e tanta vez protegidos pela clemencia de Jesus Christo e pelo amor da sua Santissima e desvellada Mãe!



Secção doutrinal

Hontem e hoje

Não podemos duvidar de que tambem em nossos dias haja familias christãs. E, se interrogarmos uma por uma a maior parte das familias portuguezas, responder-não affirmativamente, offendendo-se porventura se de tal duvidassemos.

Mas assim como no exterior e material de nossas modernas habitações, ha grande differença entre as de nossos antepassados e as nossas, do mesmo modo podemos opinar do interior do que se passa de paredes a dentro, e realmente assim é: ha praticas boas, que já não estão em moda, e cahiram em desuzo, ha praticas novas, que, por não muito recommendaveis, deviam passar de moda e cahir em desuzo.

Se não vamos por partes:

Esses entes queridos, que nos precederam na existencia, costumavam benzer a mesa antes de se assentarem a comer, e nunca d'ella se levantavam sem dar graças a Deus depois da refeição.

Que quadro tão formoso e tão christão! O chefe da familia pede em nome de todos suas bençãos ao Deus de toda a bondade, e a mulher, os filhos e os creados todos, formando uma encantadora corôa, respondem em alta voz á oração do pae, confessam que aquelle alimento lhes vêm do céu e preparam se para receber como tal esse dom verdadeiramente divino.

Hoje os filhos d'esses paes apenas se atrevem a conservar d'essa antiga e saudosa pratica o signal da cruz, e isso quando não está alguém extranho á familia, quando não ha na mesa outros convidados.

Entre muitas familias protestantes da Inglaterra ainda se conserva este louvavel costume.

E nós que nos chamamos *catholicos portuquezes*, envergonhamos-nos de uzar das insignias, que tanto nos deveriam honrar! ? . . .

E que diremos da oração em commum dirigida por aquelle, que em casa faz as vezes de Deus ?

Confessemos que é bello e encantador, mui conforme aos destinos do homem, mui proprio para produzir profunda impressão na alma das creanças, o spectaculo de uma familia christã, reunida ao anoitecer na capella do aristocratico palacio, ou n'outro lugar decente da modesta vivenda, e prostrada deante do Pae de todos os homens, elevar *socialmente* por assim dizer, seu coração ao céo, dar graças ao Senhor pelos bens e graças concedidas a seus filhos n'aquelle dia proximo a terminar, pedir-lhe perdão das faltas, que a fragilidade ou a dissipação fizeram commetter, e renovar a seus pés a promessa e firme resolução de estar para o futuro de guarda sobre si mesmo e sobre suas obras.

Com grande satisfação de minha alma pude vêr por mim mesmo em uma das familias principaes d'uma provincia proxima reunirem-se na cosinha o senhor e a senhora da casa, collocarem-se de um lado as mulheres dos diversos creados e dependentes da casa com suas respectivas filhas, e do outro os maridos e seus filhos e alguns pastores; tomava a presidencia o capellão e começavam o santo rosario, respondiam todos juntos e em alta voz os homens, e as mulheres cansados do trabalho..

*
* *

Mas isto já passou, não está em moda; e por isso já está geralmente abolido, destruido e fóra de nossos costumes.

Fazer o signal da cruz, a divisa do christão, isso é hoje um acto humilhante, que... envergonha! Por isso os senhores e senhoras de nossos dias, salvo honrosas excepções, quando vão á Igreja, fazem uns gestos quaesquer, que nem são cruz, nem coisa que o valha; ou melhor, essa especie de zig zag, que fazem com a mão, deve ser a imitação do riso burlesco com que Satanaz presenciamos semelhantes scenas.

Resar as *Ave Marias* na rua ou na praça, quando toca ás Trindades... isso sim! ?

Deus nos livre!!... Que diriam de nós! Ir-nos-hiam envergonhar deante dos outros...

E estes mesmos... *christãos e christãs* não se envergonham de apparecer n'um baile deante de centenaes de pessoas, que se fixam n'elles e n'ellas, que os contemplam com voluptuosa curiosidade; não se horrorisam, especialmente ellas, de apparecer quasi nuas com esses decotes, invento de Satanaz para perverter as almas; não se espantam de deixar apertar a cintura e juntar seus corpos em libidinoso contacto para dançar entre os braços de um homem!...

Ah! não vos admireis que ali está a mãe para guardar sua filha... Mas para guardal-a de quê? de uma falta? póde acaso a mãe em taes circumstancias guardar os olhos, as mãos, o coração?...

Mas... *assim se usa!*... Hipocrisia! Hypocrisia!

Não posso resistir á tentação de copiar aqui uma pagina bellissima de um inimitavel auctor.

«A mãe, diz, descança socegradamente em um angulo do salão, onde não se baila, emquanto que a filha passeia com más companheiras no salão do baile.

Acerco-me da mãe, por não haver outrem, que o faça e digo-lhe:

— Minha senhora, essa tranquillidade quer dizer que V. não sabe o que se passa.

— A mãe abre ao mesmo tempo os olhos para exprimir a sua admiração e a bocca para dizer:

— Não sei nada!

— Melhor seria que o não soubesse, se não fóra peor não o saber...

E' claro que com estas mysteriosas palavras despertei n'ella tres cousas, que em minha opinião nunca dormem.

O temor, o interesse e a curiosidade.

.....
«A mãe dirige-me quasi ao mesmo tempo estas mysteriosas palavras:

— Que ha de novo? Que ha de novo?

— «Cheguei-me ao seu ouvido e disse-lhe:

— «Viu a Emilia?

— «E depois?!

— «Causou-me pena.

— «Como!

— «O braço de um joven rodeava-lhe a cintura.

— «E' impossivel.

— «Seus rostos achavam-se quasi juntos, as mãos unidas, a vista inquieta.

— «Que está V. a dizer?!

— «Opprimiam-se, estreitavam-se, confundiam-se um com o outro...

— «O rosto da mãe encendiou se. Corta as minhas palavras, e,

— «Isso não póde ser, disse levantando-se.

— «Senhora, vi tudo isto com os meus proprios olhos.

— «Pois eu tambem quero vêr.

«Apoia em mim o seu braço que sinto tremer; levo-a ao salão onde se baila e Emilia apresenta-se aos olhos de sua mãe, como eu a tinha descripto, isto é, dançando...

«A mãe olha-me, sorri, e abandona-me tranquilla e satisfeita.

«Baile! Eis uma palavra, que tudo desculpa.

«Como se em um baile a cintura não fôra cintura, nem o braço braço, nem a mão mão.

*
* *
*

Parece impossivel que se possa dizer mais em menos palavras.

Mais inconcebivel porém é ainda o que succede com essa classe de gente. Vão á missa, ouvem sermões, talvez, talvez se confessem e communguem com alguma frequencia.

Cada um tem o seu gosto; mas se me é permittido dizer o que sinto, é para mim muito mais justo que essa gente abandone inteiramente as praticas da religião, do que deixar-se arrastar pela hypocrisia. Não rebaixaria tanto a ideia sublime da Divindade, teria o sufficiente bom senso para não unir esta ideia com a do vicio, tomaria o partido de alongar-se de Deus, anhelaria perdê-lo ao menos um momento de vista, chegaria até a pôr em duvida a realidade da revelação, a fim de poder gozar com tranquillidade de uma vida culpavel, mas não teria a villania e infamia de proceder como procede essa ralé de gente que se chama seus servidores.

Tenho a certeza moral, de que a maioria dos homens que abandonaram as praticas da religião não se decidiram a dar esse passo, senão para livrar-se dos gritos de consciencia, que não cessa de repetir-lhes:

Se ha um Deus e esse Deus é teu pae e teu Salvador, debes, sob pena de cobardia, ser-lhe reconhecido.

Ah! Mas para isto são necessarios muitos sacrificios e os sacrificios são mui custosos, parecem-lhes superiores ás suas forças, e a tanto não chega o seu valor.

Que fazer para disfarçar sua defectibilidade e não serem deshonrados? Tomar um partido desesperado. A consciencia armada pela fé abraza-os! Longe mui longe essa fé. E arrojam-na de sua alma, como se arroja do corpo um vestido em que ateam chammas para não perecerem queimados.

Esta é a historia de muitos imberbes jovens e de não poucos velhos que blazonam de impios e insensatos.

Mas preciso é dizê-lo e bem alto, esta conducta por mui sensivel que seja é uma especie de homenagem rendida á santa Magestade de um Deus, a quem impudentemente hypocritamente ultrajam homens e mulheres, jovens e donzellas, que intentam a todo o transe conciliar o que Deus declarou inconcebivel. os deveres da religião e as exigencias do mundo.

Tudo isto nos traz á memoria aquella famosa passagem da Escriptura: *Utinam frigidus esses aut calidus; sed quia, etc.*

«Oxalá! que fôsses frio ou quente; mas porque não és nem de todo quente, nem de todo frio, senão tibio, começarei a vomitar-te de minha bocca».

Pezai bem estas palavras, e n'ellas vereis a confirmação de tudo o que tendes lido.



Atravez das Revistas

O Oriente (julho, n.º 15. — *O clero e a questão social*. Já lá vae o tempo em que a acção do padre se circumscrevia á sacristia, por força das circunstancias e... dos preconceitos.

A despeito dos esforços titanicos da revolução em levantar um diqué á marcha crescente do catholicismo social, as grandes questões de interesse humano são estudadas pelo Padre que entra novamente na engrenagem social para fazer bem ás multidões opprimidas.

D'isto são echo as muitas revistas de sociologia catholica que circulam hoje por todo o mundo.

O Oriente de Lisboa que n'um elevado criterio vem estudando e defendendo as verdades conexas com a religião e a sociedade abordou n'um de seus ultimos numeros a *questão social e o clero*.

«O assumpto mais proeminente dos nossos dias, é incontestavelmente, a questão social, nas suas relações intimas com a moral christã. O christianismo civilisou o mundo não com o em-«prego de ferro, fogo e dynamite, não com as cavilações e tyrannias pretorianas, mas sim e só-«mente pela persuasão da sua moral austera e im-«maculada, alavanca que guinda a mór heroicida-«de o nosso coração sempre sedento do bem, co-«mo o intendmento é avido da verdade.

«E quem directamente influe na moral reli-«gioso social do catholicismo senão o clero, como depositario e immediato transmissor theorico e practico das verdades que encerra ?

La Civiltà Cattolica. — (3 d'agosto). — *A questão social e a Democracia christã.* A Democracia christã tem as suas fontes na verdade politica, economica e social e não é senão a intelligencia e a pratica dos deveres da auctoridade, da fortuna, e do proletariado.

Esta *democracia christã* que o Papa consagrou oficialmente na sua Encyclica *Graves de Communi*, pôde-se encarar nos seus fundamentos evangelicos, nas suas phases historicas e nos traços que a distinguem da falsa democracia.

Tal é o momentoso estudo a que vae abalançar-se o articulista que frisando d'antemão o fundamento evangelico da Democracia christã, vê em Jesus Christo o centro da historia do genero humano, e no seu evangelho os traços da moderna democracia inteiramente diversa da democracia antiga.

«A antiguidade pagã conheceu a democracia politica, mas não suspeitou sequer os intuitos da sociedade contemporanea».

D'antes o *Vae victis* dominava a Ordem internacional. Hoje é ao invéz. Ao mais forte cumpre servir o mais fraco e fazer um uso altruistico dos bens e da superioridade.

Esta moderna concepção da democracia não reconhece a sua origem senão em Christo e em seu Evangelho.

«No dia, em que Jesus Christo, apertando se «com uma humilde toalha, lavou os pés a dezze ho-«mens, tirados da escoria da raça mais opprimida «— n'esse dia desceir sobre a terra a Egualdade «e o Poder recebeu uma eterna missão de que não «poderá mais arredar se sob pena de soffrer ban-«carrota».

Santa protectora para o mez de setembro

Santa Rosa de Viterbo. — Abriu-se para Deus como rosa ao rocio matinal, e como ella murchou bem cedo.

Desde pequenina era toda fervores para Jesus e Maria, e aos tres annos resuscitara milagrosamente uma tia sua.

Algun tempo depois recolheu-se a uma pequenina cella onde se deu toda ao trabalho e á oração.

A Santissima Virgem protegeu-a grandemente na execução dos seus propositos, e aconselhou-a a entrar na Ordem Terceira Franciscana. A Santa que então contava apenas 9 annos, obedeceu

gostosamente, e nunca mais d'ahi em deante largou o habito.

A sua entrada na Ordem Franciscana determinou uma phase nova na sua vida, pois desde então fez-se prégadora e missionaria, annunciando a todos, nas ruas e nas praças de Viterbo, a fé de Christo.

Quanto o seu apostolado influenciou na vida e nos costumes dos seus conterraneos prova-o ainda hoje a universal devoção que lhe consagram as Viterbenses e os Italianos.

E' digna de lêr-se com attenção a bella obra de L. de Kerval, sobre Santa Rosa, onde o illustre Terceiro Franciscano põe em relevo a figura providencial de Rosa, estudando a sua vida sob o ponto de vista religioso e social. (1).

Frederico II temeu-se da acção da joven Santa, como Herodes do reinado de Christo, e des-terrou a.

Quando elle morreu voltou a Santa a Viterbo.

Não tinha então mais de 12 annos, e como se os trabalhos apostolicos não fôsem bastante, redobrou de austeridade, macerando o seu debil corpo com pezadas penitencias.

Gasta de mortificações e d'amor de Deus, morreu no anno de 1252, na idade de 17 annos pouco mais ou menos.

D'ella se podem dizer as palavras da Sagrada Escripura: *Em poucos dias encheu longos annos, e foi tirada do mundo para que a malicia lhe não viesse estragar a alma.*

Virtude a imitar

A fé pratica. — A fé viva tem sempre por companheira inseparavel a caridade e o amor de Deus, porque afinal, a fé viva parte de Deus para sobre a alma como raio luminoso do seu fóco.

E Deus é a caridade mesma.

A fé é um reflexo da luz divina, é a graça da justificação pondo na nossa alma a marca de filhos de Deus, é um raio vivificante da luz increada a abrir-nos o caminho n'esta vida de trevas.

Ora é por via d'esta fé que a nossa intelligencia é esclarecida no conhecimento e no amor da soberana verdade, assim como no odio á ignorancia e á mentira.

Cahindo em cheio nos reconditos de nosso coração, a fé purifica-nos das maculas tão communs e tão enraizadas na natureza humana decahida, eleva-nos pouco e pouco para Deus e communica-nos a unica e verdadeira nobreza de filhos seus adoptivos.

Armados d'esta forte couraça doze pescadores tornaram-se em apóstolos intemeratos, os martyres venceram aos tyrannos, os confesores firmaram-se nos seus propositos, as virgens não arredaram pé da pratica da virtude.

E' que a verdadeira fé, longe de ser morta, é operosa, e tem por companheiros inseparaveis a caridade e o amor de Deus.

D'isto é valente testemunho a vida toda da

(1) *Sainte Rose de Viterbe.* — *Sa Vie et son temps.* — Par L. de Kerval. — Vanves près Paris, 16, Route de Clamart.

Santa protectora d'este mez que parece estar cifrada n'estas duas palavras: *Deus e humanidade, amor de Deus e dos homens.*

Da «Voz de Santo Antonio» de 1898 (agosto) transcrevemos para aqui uma pagina suggestiva que bem revela as culminancias da fé attingidas pela joven Santa e quanto bem sabia ella servir a causa de Deus e do proximo.

Conversão d'uma manichêa.— Apinham-se as multidões e annuncia-se a todos que, para dar prova palpavel e inilludivel das excellencias da fé catholica, a Santa entrará n'uma fogueira sem que as chammas lhe toquem.

E' de facto sob a sua direcção que se accende fogueira immensa em pleno terreiro. Ajuntada que foi a madeira mais usada ao intento, posto já o fogo, alentada gigantemente a chamma, quando era o ranger da lenha, o faiscar das chispas e o rolar do fumo, no ponto em que a labareda tombando em furacão impetuoso repellia bruscamente os espectadores, a Santa avança magestosamente, crucifixo em punho, e dá passo firme para a fogueira.

Um grito instinctivo de compaixão e espanto rebenta de todos peitos. Mas qual não é o assombro de que fica passada a multidão quando fitando ainda mais aquelle manto de fogo vê lá dentro a Santa a passear lentamente, tranquillamente até á cima do montão em brazas?

Vêde-a de pé, de braços cruzados por sobre o peito, com os olhos alçados para o céo. Longe de envolver amarguras, aquelle seu rosto esplende delicias: dil-a-hieis embalada no suave leito do extasis, se uma voz que excede o estralejar das madeiras, vos não surprehendesse novamente: é um cantico de acção de graças conjurando as creaturas todas á confissão do Christo Redemptor, á adoração de seu nome e ao reconhecimento do seu imperio.

A chamma que poupou os meninos de Babylonia tambem não apertou a Santa, e, se o apostolo S. João não succumbiu aos ardores do azeite a ferver, a Rosa foram-lhe suave viração as ardencias das brazas.

A massa enorme de materias combustivas empilhadas sob seus pés consome-se pouco e pouco; n'um repente abate-se o bojo d'aquella montanha de brazas e, d'envolta com uma densa nuvem de fumo, scintellas e chammas, desapparece o corpo da Santa nos despojos do fogo. A subitas, eil-a que se ergue triumphante e, velada de

fogo, adianta-se, recua, passeia n'aquelle pedestal de brazas vivas como n'um vergel, ou n'um jardim matizado de flôres. (1)

Imagine-se o assombro, o entusiasmo das multidões em face de prodigio tão inaudito. Apagadas que foram as brazas, o povo lança-se em ondas por sobre a Santa para vel-a de perto, para lhe tocar, para lhe beijar as mãos. Ajoelham-se-lhe aos pés, arrancam-lhe pedaços dos vestidos, forcejam por levar-a em triumpho. A Santa estivera no fogo bem umas tres horas, sem que um cabello da cabeça ou um fio da tunica lhe fosse usurpado pela chamma devoradora.

Este milagre que é um dos mais attestados na vida de Santa Rosa, vibrou o derradeiro golpe na heresia. Nem *um* sectario resistiu ao imperio da graça: a propria manichêa se lhe rendeu após uma tão encadeada resistencia, e correndo para a Santa, cae-lhe aos pés, detesta publicamente o erro e exora-lhe aturada oração para junto da divina misericordia.

Máximas espirituaes

Se sois christãos, mostrae que o sois, não só de palavra, mas principalmente pelas obras.

S. BOAVENTURA.

A nossa fé deve ser tão firme que por nada a sacrificuemos mas tudo a ella sacrificuemos.

S. LUIZ, REI DE FRANÇA.

O dever do christão é mais crer, do que comprehender.

B. MAGDALENA MARTINENGO.

Absoluição geral

Dia 8 — Natividade de Nossa Senhora.
Dia 17 — Chagas de N. P. S. Francisco.

Indulgencias Plenarias

Dia 4 — Santa Rosa da 3.^a Ordem.
Dia 24 — S. Pacifico da 1.^a Ordem.

(1) *Acta Proc. can. (vita) secunda.*

Condições peculiares das associações

Para lucrarem as indulgencias concedidas a quaesquer associações piedosas, é necessario além das condições geraes e especiaes de que falamos nos numeros anteriores — *condições proprias* d'essas mesmas associações.

E note-se que sem o cumprimento d'ellas não se lucraram as indulgencias. As condições proprias da

Ordem 3.^a de S. Francisco d'Assis

são :

1) Ser admittido por um sacerdote devidamente auctorisado.

2) Trazer *sempre* o escapulario e o cordão, a não ser que por motivos graves seja commutada esta obrigação pelo visitador.

O escapulario deve ser de *lã cinzenta* (mescla) ou *castanha*. O cordão deve ser de *linho ou de lã e com tres nós*, em honra da Santissima Trindade, ou com cinco em honra das Chagas de N. Senhor.



Secção historica

Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro

XV

No corpo da Igreja ha um altar do lado da Epistola e um pouco abaixo da porta, que dava para o claustro.

Está dentro de um arco, ordinario.

A *Chronica da Soledade*, publicada em 1762 e escripta principalmente desde 1758 a 1760, não falla d'este altar e não deixa de fallar dos outros nem da capella, que d'este fica de frente.

Esta circumstancia e o feitio um pouco diverso levam-me a crer, que elle seja de mais recente data.

Tambem tem columnas e remata n'uma pequena curva, mas os ornatos são mais simples. E' pintado de branco e tem dourado os frisos e os relevos.

E' dedicado a Nossa Senhora das Dores. A imagem está metida n'um oratorio envidraçado e encostada a uma cruz, que tem pendentes uma toalha em forma de M, como se usa nas ceremnias de Sexta feira Santa e nas festas, dedicadas a Virgem dolorosa.

Está sobre uns degrãos arrendados, com alguns dourados enfeitos, e que lhe servem de peanha.

E' formosa, ainda que não de grande vulto e figura a Virgem sentada e cingida com um dourado manto.

Defronte fica uma capella abobadada e com a entrada em arco e na qual se vê um altar, muito semelhante aos que são adjacentes ao arco cruzeiro. E', porém, de data posterior, como o diz a historia e indica a simplicidade do retabulo, ainda que mais variado na pintura.

Aqui se veem sobre um degráu e em pequenos vultos as imagens dos Santos Martyres de Marroços.

Do lado da Epistola está a imagem de S. Domingos, de que já fallei e que tem algum merecimento e que é de regular altura.

Corresponde-lhe, do lado do Evangelho, a imagem de S. Benedicto (preto), com a qual o povo teve sempre muita sympathia.

Não menos sympathias tivéra o povo por a imagem de S. Paschoal Bailão que hoje está no Archyvo da Ordem Terceira de S. Francisco e outr'ora estivera no altar, dedicado actualmente a Santo Antonio, e quando n'elle estava a imagem de S. Domingos.

A imagem de S. Benedicto faria então symetria á de S. Paschoal Bailão.

Pela maneira como estão collocadas as imagens dos Santos Martyres, parece, que este altar não havia sido primitivamente destinado para ellas, mas para uma imagem, cuja peanha ainda aqui existe.

Na parede, que fica á mão direita de quem entra, está uma janella rectangular, simples e de avantajadas dimenções, dando assim alguma luz a este recinto.

Defronte e fazendo-lhe symetria existe um quadro, representando Jesus com a cruz ás costas. Tem algum merecimento.

Esta capella havia sido maior, mas foi encurtada, quando se edificou a capella de S. Francisco, pertencente á Ordem Terceira e contigua ao templo, de cuja descripção vou tratando.

Foi mandada construir em 1533 por o protector d'este convento, João Nunes Cardoso, de quem tenho fallado e que a destinava não só para sua sepultura, mas tambem para sepultura de sua segunda mulher Izabel da Costa Corte-Real.

Ficou a capella sem altar.

E, n'ella e pouco depois d'aquella data, foi enterrado o cadaver do mesmo protector.

Não passou muito tempo, sem que os habitadores d'esta casa aqui mandassem levantar um altar, onde foi collocada uma imagem de Santo Antonio, e, por alguns annos, lhe prestaram um bem decente culto.

No pavimento foi posta uma lapide com este brazão de armas: Um escudo esquartellado; n'uma das quartellas, dois leões dourados, subindo a uma arvore, o mesmo na contraria; em cada uma das outras, uma cruz parda com bandeira branca e seis costas ao pé da cruz.

As primeiras quartellas indicavam o brazão das familias de appellido *Cardero*, que começaram a figurar entre nós em tempo de D. Sancho I e cujo solar era na Quinta de Cardoso, perto de Lamego.

As outras indicavam o brazão das familias do appellido *Corte-Real*.

E' o brazão dos *Costas* com um chefe e com diverso timbre.

As familias, que usam de tal appellido, procedem, segundo dizem, de Vasco Annes da Costa *Corte-Real*, que foi o primeiro, que o accrescentou áquelle, de que já usava.

Esse individuo foi cavalleiro esforçado, muito da priverança de El-Rei D. João I e, na tomada de Ceuta, arvorou o pendão das quinas nas muralhas d'aquella Cidade africana.

Com promptidão se offereceu ao desafio dos Cavalleiros de Inglaterra. E, tendo prostrado um d'elles, que trazia no escudo uma simples cruz vermelha, accrescentou esse emblema ao brazão dos *Costas*, por auctorisação do Mestre de Aviz, que tambem lhe mandou accrescentar o appellido de *Corte Real* ao de *Costa*.

Esse emblema ficou em chefe no brazão, mas em campo de prata. O resto do brazão é em campo vermelho.

O timbre é um braço armado, empunhando uma lança, de que pende uma bandeira de prata de duas pontas de torçal de ouro.

Sobre o escudo, que existia n'esta capella, havia um leão de ouro com um carde na bocca.

E' o timbre, do brazão dos *Cardosos*.

Abaixo d'esse escudo estava uma grande lapida com este letreiro:

ESTA CAPELLA
DA INVOCAÇÃO D. S.^{TO} ANTONIO
MANDOV FAZER E AQVI IAZ IOÃO

NVNES CARDOZO, SENHOR DA UILLA
DO GAFANHÃO E DOS COVTOS
D. FREIRIZ E PENAGATE DA
TORRE, E CAUALLEIRO DA ORDEM
D. XPT.^o, E IZABEL DA COSTA
CORTE-REAL SVA MVLHER, A
QVAL DOTOV A QVINTA E REGVEN
GO D. S. IOÃO DA MADEIRA COM
OBRIGAÇÃO D. TRES MISSAS CAN
TADAS COM SEV ANNIUERSARIO
CADA ANNO AS QVAES É OBRIGA
DO A VIR DIZER A ESTA CAPELLA
O REUERENDO P. PRIOR D. S. MI
GVEL COM SEVS ECONOMOS E
LHE DARÁ A ESMOLA O SENHOR
D. GAFANHÃO, CVIA TAMBEM É A
DITA CAPELLA E ENTERRO
DOS MAIS DECENDENTES.

A imagem de Santo Antonio, que os religiosos aqui mandaram collocar, foi dada por um devoto, que a mandára vir de Flandres.

Quando se renovou a igreja, foi levada para o altar-mór, ficando em seu logar uma de Nossa Senhora da Graça, que mais tarde foi levada para o altar da enfermaria e a tinham mandado vir do Porto.

Manoel Nunes da Costa Safardão, filho de João Nunes da Costa, foi o segundo administrador d'esta capella. Cerca do anno de 1533 declarou em seu testamento, que «queria ser enterrado no *Mosteiro* do Bem aventurado Santo Antonio e na capella, que, para sepultura, mandára fazer seu pae e, não podendo ser, junto d'elle».

Tambem determinou, que, «no dia do anniversario da sua morte se d'esse sempre um tostão de pão cosido e outro de pescado, (fresco ou secco) aos frades d'este convento e que, quando e les quizessem aqui fazer algumas obras, se lhes dessem 1\$000 réis de esmola, e mais 1\$000 réis para a fabrica d'este altar e mais 2\$000 réis, para um retabulo e imagem de Santo Christo».

Como estas determinações nunca se cumpriram, a Meza da Definição, determinou em 18 de outubro de 1736, que fosse tapado o arco d'esta capella, mas de modo que em qualquer tempo podesse novamente ser aberto.

Pouco depois, foi mandada fazer uma



S. FRANCISCO E A INDULGENCIA DO PERDÃO

nova imagem de Santo Antonio e os descendentes de João Nunes Cardoso, pediram a antiga aos frades, mas estes não lh'a entregaram, por que taes individuos nenhuns beneficios fizeram a este convento; nem provaram, que a imagem havia sido do fundador ou de alguns dos administradores da capella, da qual tambem não trataram desde muitos annos.

Pelo que fica exposto, é de crêr, que o altar e a collocação das imagens dos Santos Martyres, que se veem n'esta capella, foram obras dos fins do seculo XVIII ou dos principios do seculo immediato.

No ultimo domingo de dezembro, a collegiada de S. Miguel era obrigada a mandar dizer n'esta igreja, duas missas por alma do instituidor da capella, de que tenho fallado.

No sabbado antecedente havia missa cantada por aquella corporação e na capella do capitulo do convento.

No fim havia responsos, tambem cantados e com applicação *pro pluribus defunctis*, segundo as intenções do instituidor do morgado.

XVI

Um pouco abaixo do altar de Nossa Senhora das Dôres, eleva-se o pulpito, que é de base simples e é resguardado por balaustrades torneados.

Uma sanefa dourada fica sobre a porta.

O côro é de grandeza mais, que sufficiente e resguardado por um gradeamento, semelhante ao das antigas adufas e dividido em cinco lanços.

Todo elle assenta, sobre uma abobada parte da qual fica dentro do templo e sob a qual estão as pias da agua benta, que são de fôrma circular e vulgarissima.

O resto da abobada está no exterior do templo e serve de cobertura a um atrio, cuja entrada é em fôrma de arco de elipse.

A portada principal é de fôrma ordinaria.

N'esse atrio, fica á mão esquerda e sob uma arcada um altar com um retabulo pintado, fingindo ornatos de columnas e de outros objectos.

E' dedicado a Santo Antonio, cuja imagem não é das mais perfeitas e consta ser a que outr'ora esteve na capella de João Nunes Cardoso. Corresponde-lhe uma ca-

pella, em cujo altar se vê um quadro, representando o Enterro de Jesus.

Esse quadro é todo de madeira, tem algum merecimento, mas o pouco cuidado e o tempo muito tem concorrido para o seu estrago, como concorreram para os estragos de alguns ornatos, e de dois quadros, que estão nas paredes lateraes.

O frontespicio d'este templo é elevado, elegante e pena é que o local não deixe bem avaliar o seu merecimento.

Ergue-se sobre o arco de eclipse, de que fallei, e pouco acima d'elle tem uma grande janella, ladeada de duas frestas em posição vertical, e do que ao templo provém não pouca luz.

Acima da janella ha alguns ornatos simples e sobre elles um nicho com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, esculpturada em barro, e que, segundo creio, proveio das antigas e muito afamadas olarias de Aveiro.

Os cunhais são rematados por umas pyramides altas e de variados feitios. No vertice do templo, ergue-se uma cruz.

Este frontespicio está voltado para o poente. E, voltado para o norte, faz com elle um perfeito angulo recto, o frontespicio da entrada do antigo convento de Santo Antonio.

E' simples, mas não muito desengradado.

A entrada é em forma de arco, após o qual ha uma porta rectangular, que dá entrada para um recinto abobadado, sobre o qual ainda hoje existe uma pequena sala, que no tempo dos frades, era destinada á recepção dos visitantes como n'outro lugar se disse.

Sobre o arco ha duas janellas de feitio oval e symetricamente collocadas.

Entre ellas ha uma lapide com esta data:

ANO DOMI

1794.

E', por certo, a data da reconstrucção do frontespicio ou de alguma obra importante.

Sobre aquella data está o emblema da ordem franciscana. O frontespicio termina em angulo obtuso. Sobre o vertice e sobre os cunhais vêem-se ainda hoje os restos das figuras da Fé, Esperança e Caridade. E digo, os restos, por que o tempo e a

malvadez destruíram quasi completamente essas figuras.

Não passarei adiante, sem narrar um facto notavel, succedido na igreja de que tenho fallado.

Pouco antes de 1758, em Quinta-feira Santa, estando exposto o Santissimo Sacramento, encendiou-se repentinamente a armação, o que foi motivo de grande estrago no throno e não menos nos cortinados, que o ornamentavam.

A custodia foi tirada por um corista, que ficou muito ferido nas mãos e nos pés, por que os pregos do throno já estavam encandescentes, e muito mais o estava a custodia, que perdeu muito da sua primitiva belleza. Para a compra d'esse objecto, havia concorrido Izabel da Luz, como já se disse.

Os Aveirenses muito lamentaram esse desastre e não poucos concorreram, para que se remediassem os prejuizos. E as pessoas, que para ornamentação do throno haviam emprestado alguns objectos, não quiseram receber indemnisação alguma.


R. DE QUADROS.
Pensamentos

O Segredo da *Vida social* consiste em alliançar as energias dos particulares com o bem universal.

Cada um tem as suas opiniões, o seu caracter, as suas qualidades. Mas acima dos sentimentos individuaes, deve pairar um commum scopo supremo, e ideal pratico.

O inferior tem direito a expôr as suas opiniões ao superior, e defendel-as dentro dos limites d'uma sã prudencia. Ninguem pôde auferir-lhe esse direito : nem o mesmo superior.

Ao superior compete acatar o modo de pensar do subdito, dar-lhe esfera d'acção, e nunca o contrariar quando elle exerce a sua actividade n'um terreno legitimo.

Mas o superior tem direito de não ser tocado no uso legitimo de sua auctoridade. Se o subdito o tem de não ser lesado na esfera de sua honesta actividade !...


AVE MARIA

*Um cinto de fogo tingindo o poente
Lá marca a descida do astro do dia,
Nest'hora ineffavel d'amor e saudades
Suas preces a terra te manda, ó Maria !*

*A par d'esses vagos murmurios da tarde
O sino eis desata celeste harmonia ;
E as nuvens, aos mares, aos campos troando,
Nas vozes que solta diz «Ave Maria».*

*E as nuvens respondem, e os campos e os mares
E a brisa que baixa co'a noite sombria,
Cantando ao crepusculo c'os anjos dos bosques,
«O eterno de graças te encheu, ó Maria».*

*Senhora, eu que n'alma só tenho tristeza,
Encontro um allivio na minha agonía ;
Juntando meus hymnos ao hymno do archanjo,
Como elle te disse, digo «Ave Maria».*

D. JOSÉ MARIA DA FIEIDADE DE LENCASTRE (Marquez d'Abrantes).


ANECDOTAS

Entre amigos.
— E' verdade que te nomearam membro d'uma academia litteraria ?
— Sim.
— Mas o que é que tu escrevestes para merecer semelhante honra ?
— Vinte cartas ao deputado do nosso circulo.

♦

De Rogerio Bacon (um masmarro de dois costados)...

Quando o celebre franciscano era ainda estudante, chegou-lhe aos ouvidos que viriam a Oxford os estudantes de Cambridge, disputar o premio.

Bacon veste-se de pedreiro e põe-se a exercer o officio ao pé d'uma casa junto á porta de S. Clemente.

Quando se vinham chegando para a cidade os jovens concorrentes, Bacon dirigiu-se para elles, em attitude de pobre que pede esmola.

— *Rustice quid quæris ?* Villão, que desejas ? pergunta-lhe um dos estudantes.

— *Ut mecum versificeris !* Que faças versos comigo, acode Bacon.

O contendor de Cambridge embucha, e vem logo outro :

— *Versificas-tu ?* Tambem tu compões versos ?
— *Molior, immo et solis ab ortu !* Sim, logo desde o romper do sol.

Os de Cambridge, corridos de confusão, deram ás de Villa Diogo, nem á universidade foram, pois logo á porta da cidade os engasgára o que elles chamaram villão.

♦

Um policia surprehende um banhista no Tejo.
— Então o senhor, está a tomar banho nú ?
Pois considere-se preso.
— Mas se não ha testemunhas !
— Lá vae ao longe um carroceiro. Vou buscal-o e entretanto o senhor espere ahí sem se vestir.

♦

De S. Phillippe de Neri. — Estando um dia na Igreja do Oratorio em Roma, viu que um homem logo depois da communhão sabia pela porta fóra.

— Acompanhae esse homem, com duas velas accesas disse o Santo para dois acolytos.

— Surprehendido pela novidade da cerimonia, o pobre homem nem sabia o que havia de fazer e fixou o Santo em attitude de quem deseja saber e porquê d'aquella originalidade.

— E' porque levaes ahi o Santissimo Sacramento. E é costume acompanhal-O com luzes quando Elle sae fóra.

O homemsinho entendeu a lição e voltou para a Igreja.

— *Desejava, filho, que escolhesses a carreira de medico.*

— Não, papá, isso não.

— Mas porque?

— Que medico! Nunca! Bem sabe que não sou capaz de matar nem uma mosca!

— *Escapularios!... (Superstição! —* Quando em 1622 Luiz XIII cercava Montpellier, o Senhor de Beauregard, que estava ao pé d'elle recebeu duas balas no peito. Vacillou, mas não baqueou. As balas bateram mas não vasaram o escapulario que elle trazia sempre irrevogavelmente. Luiz XIII, tocado da graça e talvez ainda mais do medo á morte, pediu logo um escapulario.

Em 1614 o marechal de Montigny, governador de Dieppe, navegando para Toulon, foi surprehendido d'uma tempestade violentissima.

Todos fôram ao fundo menos elle. Os outros não tinham escapulario. Elle tinha.

Em 1648 no dia de Natal, incendiou-se o castello de Raguin em Anjou.

O panico é horrivel, mas tudo acaba, incendio e panico, no momento em que o barão de Souche atira ás chammas o seu escapulario.

— *Uma ama escreve aos paes d'uma creança confiada aos seus cuidados, e termina a carta com estas palavras:*

«Dos senhores sempre affectuosissima ama de leite até á morte

CATHARINA».

Leituras amenas

A morte da Deusa Razão

HA mais de trinta annos que n'um obscuro logarejo de França saíu á rua pela ultima vez uma pobre mulher.

Retrocedamos, leitor, alguns annos atraz e vamos vê-la.

Arreda! Oh! que aspecto o da miseravel velha!

Em cima do ossudo e descarnado corpo leva á guisa de roupa uns farrapos por onde se vê a carne nua; vae descalça e va-

cilla a cada passo. A idade que tem pode-se avaliar muito aproximadamente por aquelle arco de 80 grãos que ella traça com formidavel carcunda; pára de vez em quando, escosta-se ao pausito, diminue um pouquinho a curva e exhala dolorosos suspiros.

O que porém ha ahi mais digno de lastima é o rosto, ou antes o coração.

Ella desdentada, musgosa, resequida, o olhar vago e amortecido, cortada a respiração, não parece uma pobre doida, esta parasita da humanidade?

Desperta a nossa commiseração esta mumia ambulante.

Se no caminho ella encontra alguém sobressalta-se e é presa de desesperadas convulsões que terminam por uma especie de estertôr de agonisantes.

Porém se o encontradiço é alguma mulher ou, mais ainda, donzella, arqueia-se então quanto póde, afunda os sulcos frontaes e crava os apagados olhos tenazmente no chão.

Pessoa cuja presença lhe não seja um tormento ha uma só em toda a povoação. Mai que a avista, dirige-se instinctivamente para ella, junta as mãos, inclina a cabeça, e detendo-se diz com voz de secca e rouca: «*Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo.*» Toma-lhe a benção — porque é o parocho — e exhalando um suspiro dirige-se com passo lento e miudo a uma casa onde recebe diariamente um pedaço de pão; ou então á d'um lavrador que lhe dá ás vezes uma pouca de lenha para o lume.

Quando volta com as achas vem toda ajoujada, lastima-se, geme tanto, que se eu não visse quatro achas dizia que ella arrastava um carro d'ellas.

E quando agarra o pão?

Arregala-lhe logo os estourados olhos, esconde-o debaixo d'uma rodilha que ella chama avental, e volta pelo mesmo caminho á pocilga que nem para córte de porcos serve, para ali o comer sem que ninguém a veja.

N'aquella enxovia que é um prodigio de estatica, vegeta aquella miseravel sem irmãos, sem filhos, sem amigos, abandonada de qualquer satisfação ou alegria. E' ali a choça; lá entrou mas fechou logo a porta.

Não a conheceste, leitor?

Não?

Então não te lembras d'uma donzella

que em 1793 a *Convention nationale* fez adorar quando foi abolida na França a *religião dos curas, a infame* de Voltaire, e a substituiu a religião do progresso?

Não te recordas da *Deusa Razão*?

Pois é ella a famosa e formosa *Deusa Razão*, que n'aquelle tempo contava vinte annos de idade a quem a populaça de Paris adorou, a quem sobre o altar de Notre Dame foi offerecido incenso! E' a celebre prostituta, a *Deusa Razão*.

Pobre Deusa!

Disse Thiers: *o insensato culto da Deusa Razão inaugurou-se em Paris debaixo dos degraus do patibulo.*

Esta proximidade teve uma significação fatal.

Queria dizer que a morte e *Deusa* ficavam inseparaveis; esta ultima, expulsa por fim dos templos, despresada nos lupanares, e *ameaçada até com a guilhotina*, foi constrangida a fugir de Paris e andou vagabunda por toda a França. Dizem que durante alguns annos foi vista levar muitas vezes a mão ao pescoço e tocá-lo — effeito d'uma contracção nervosa causada pela a imaginação que lhe representava o supplicio da guilhotina.

O que é certo é que a moderna Venus se tornou bem depressa n'uma abominavel Parca, consumindo-se no abandono e na infamia.

Espectro ambulante, idiota, miseravel, immunda, acabrunhada, famelica, parece a morte em pé.

Viva a *Deusa Razão*! separada de Deus, tem n'esta velha o seu fiel retrato.

Refugiou-se ultimamente a *Razão* n'este logarejo onde hoje a vimos; sustentou-a ali a *caridade catholica*, e nos seus ultimos momentos foi auxiliada pelo velho parcho. Morreu a 30 de setembro de 1864 com noventa annos de idade!

Praza a Deus que depois de tão larga penitencia e tão dura abjecção tenha encontrado graça e piedade deante da justiça divina.

P. A.

Os anjos da Luisinha

CONTO INFANTIL

Havia muito que a loira e bôa Luisinha, toda enleada na contemplação dos anjos que eram um

brilhante adorno da sua modesta igreja, ambicionava umas asitas brancas para voar até ao cimo da tribuna, para gosar, muito aconchegada aos cherubins do altar, as delicias d'uma ventura que ella, a innocente Luisinha, sonhava, sonhava!...

Se um dia podesse realizar o seu desejo!

Diziam-lhe que mais tarde, quando soubesse rezar, ella iria tambem, vestida de branco, collo ornado de flores, cabecita corôada de ramos, toda perfumada e linda como os cherubins, participar das delicias em que se embebem os anjinhos, os seus encantos e com esta promessa que lhe inflamava a alma, a pequenita passava o tempo entregue aos labores subtis que sua mãe lhe confiava, muito contente, sempre, alegre por fazer o bem!

E' que, a mãe disse-lhe que só d'este modo conseguiria o seu desejo, a aspiração de sua alma!

*

Um dia a Luisinha, recebeu ordem de sua mãe para ir para o collegio afim d'aprender habilidades que tornam as meninas prendadas, mais lindas, mais apeteceveis.

As priminhas já lá estavam e era um prazer d'alma vêr as rendinhas e os bordados feitos pelas suas mãos; ella tambem iria aprender e demais estavam lá muitas meninas para a entreter, para brincarem.

Apesar de ter chorado muito, muito pelos seus olhinhos celestes, as saudades que a separação dos anjinhos lhe causavam; elles que tambem esconderam o rosto, cheios de dôr, entre a plumagem alva das asinhas, para que ninguem, ninguem os visse chorar, a Luisinha, porque a mamã lhe disse que era preciso aprender para ser mais bonita, para agradar aos seus queridos que a ficavam esperando, velando o seu leve somno do collegio, foi, soffreu os insultos d'algumas companheiras com resignação, estudou com diligencia, fez-se amar da professora que a adorava, que lhe deu muitas prendinhas, muitos e lindos aujinhos pintados de varias côres!

*

Um dia annunciaram-lhe a primeira communhão!

Foi um dia d'um jubilo tão extraordinario, d'uma alegria tão intima que não cabia em si de contente, parece que endoidecia!

Fizeram-se preparativos, ouviu as ultimas instrucções, veio o senhor capellão fazer umas praticas muito agradaveis, cheias de contos bonitos, um céu aberto tudo aquillo, um verdadeiro paraíso.

Iria finalmente vêr de novo os anjinhos que lá deviam estar á sua espera, na igreja onde ella apparecia na proxima festa para receber a Jesus que tambem já foi menino e brincava no collo da Virgem que estava n'um quadro no dormitorio do collegio!

*

Na igreja tudo se dispunha para a festa da primeira communhão, essa encantadora festa das crianças que mais toca e commove o coração! Vêr os innocentes vestidinhos a primor, ornados de flôres e fitas, alegres, approximarem-se da Eu-

charistia a commungarem o pão dos fortes, o pão que dá vida, que religião possui tanta poesia, tanto encanto, o segredo das intimas commoções e das santas alegrias?!

Porém debaixo dos ornamentos ficavam escondidos os anjos de Luisinha que na sua immobillidade se deixaram ficar no escuro, sem reclamar a sua parte na festa.

Tocava já no côro o orgão umas melodias doces, suaves como perfumes, e as vozes bem afinadas, muito sãs, desferiam uns canticos que penetravam na alma, encantando-a.

Os padres paramentavam-se e uma grande alegria rumorosa, communicativa, reinava por todos os lados, entre a multidão que sorria, admirava, segredava e era feliz.

Estrallejavam os foguetes, repicavam os sinos, elevava-se no ar um gorgoejo de vozes, uma poeira de sons, quando apparecem as crianças, em precissão, alinhadas, silenciosas, e entre todas destacava-se pela belleza, pelo vermelho das faces, pelas lagrimas que lhe brincavam nos olhos azues a reflectirem as bellezas do céu, a nossa Luisinha que vinha offegante, inquieta como quem perliba a felicidade que presente mas que não possui ainda! !..

*

A igreja estava tão linda, tão adornada que era mesmo um encanto e fazia lembrar o céu! Mas oh tristeza, oh amargura! No logar do costume não vê os anjinhos que tanto a fizeram soffrer de saudades e com quem desejava brincar no dia da sua primeira communhão!

Seria certo que o dourado palacio da sua phantasia tinha sido destruido cruelmente?

E seus olhos choravam, choravam lagrimas que lhe escaldavam as faces lindas, muito vermelhas e offegantes.

— «Mãe! Onde estão os meus anjinhos cuja ausencia n'este dia, tanto me custa a soffrer?»

— «Filha não estão cá! Foram pedir a Deus que te conserve a innocencia que te vela n'este dia! Essas lagrimas que choras serão transformadas pelos anjos do céu em flôres para adornar o throno de Deus e só voltarão a restituir-te a ventura e a esconder-te em suas azinhas muito alvas, quando, depois de soffreres muito na terra, elles te levarem ao céu onde ficarás, para sempre com elle».

(Da Esperança).



Culto de S. Antonio

A GRANDIOSA OBRA DE S. ANTONIO

VI — Ultimos trabalhos apostolicos.
Morte ditosa e canonisação

18 — Entrando de novo em Padua, todo se dedicou aos trabalhos do espirito, ensinando tambem Theologia, e apercebendo-se para a prégação da proxima quaresma. Viviam então os paduanos em continuo sobresalto, pelas crueldades do feroz

Ezzelino, genro e logar-tenente do poderoso Frederico II de Allemanha. Muitas cidades importantes haviam sido victimas de sua ferocidade; ia chegar a vez á de Padua. N'esta angustiosa conjunctura os paduanos recorreram á intervenção do Thaumaturgo, o qual não duvidou ir á presença do tyranno, e exprobar-lhe os crimes de que o accusavam. A tanta ousadia do intrepido religioso, todos esperavam que o barbaro correspondesse dando ordem para logo lhe tirarem a vida; mas Ezzelino caiu-lhe aos pés e, com imprevisita compunção, prometeu emenda. Quando o Santo se ausentou, disse para os seus cortezãos: *Não vos maravilheis. Eu vi projectar-se dos olhos d'este Padre um tão deslumbrante fulgor, que me julguei, por momentos, precipitado nos abyssos do inferno.*

19 — Na prégação da quaresma d'aquelle anno, o ultimo da sua vida, pareceu o Santo mais que nunca animado d'um zelo sobrehumano. Seus sermões produziam fructos de salvação como nunca abundantes e copiosos, e inspiravam a seus ouvintes sentimentos de devoção e veneração para com o Santo, que por vezes attingiam a indiscreção. Fazia-se mysterio conduzi-lo entre uma poderosa guarda, para evitar que os devotos imprudentes o assaltassem, cortando-lhe pedaços do habito ou da corda. Era tão extraordinario o numero de conversões, que não havia sacerdotes sufficientes para a todos ouvirem de confissão, ainda que o Santo se fazia acompanhar sempre de muitos confessores.

20 — Esta extraordinaria missão devia ser para o Santo Thaumaturgo o canto do cisne. Exhausto de fadiga, determinou repousar por algum tempo; e n'esse intuito escreveu ao seu Provincial, sollicitando a necessaria licença para recolher-se a um convento retirado. Depois de escrever a carta, saiu da cella em procura de portador que a transmittisse ao seu destino; mas, quando de novo entrou, viu que desaparecera a carta, e, por mais que a procurou, não foi possível encontral-a. Persuadiu-se o Santo de que era aquillo indício seguro de que a Deus não agradava que se recolhesse a repousar, e não mais pensou em tal. Quando, passados breves dias, recebe do Provincial a precisa resposta á sua carta Quem fôra o portador? Sem duvida, algum mensageiro celeste, a quem Deus confiara esta missão. Retirou-se, pois, a um devoto eremiterio, a pequena distancia de Padua; ali anhelava passar os breves dias que ainda lhe restavam de vida, e para esse fim alcançou lhe preparassem uma pittoresca estancia, entre os ramos d'uma frondosa nogueira, cujo tronco se ramificava em seis pernas gigantescas. Alli passava uma vida mais angelica do que humana, entregue ás suavissimas delicias da contemplação, e absorvido, em profunda meditação e em arroubos de extases quasi continuos. D'alli prérgou ainda algumas vezes ao povo das visinhanças, que, surpreendendo-o na sua remansosa solidão, ali accorria por vezes ancioso de ouvi-lo.

21 — Entrára o mez de Junho. A saude do Santo ia definhando progressivamente: a luz da sua vida extinguiu-se a breve trecho. N'uma sexta-feira, 13 de Junho, quando abaixára ao refeito-

rio, para tomar a frugal refeição, em companhia de seus irmãos, sobreveio-lhe um accidente que o privou do sentidos. Era o prenuncio do fatal desenlace. Rediu depois que o levassem a Padua; mas, quando já chegavam á cidade, junto ao convento de Arcella, julgaram prudente não proseguir o caminho, e ali recolheram o Santo. O mal aggravava se visivelmente. O Santo Thaumaturgo, recebidos com extranha piedade os ultimos Sacramentos, entouu pela ultima vez o seu hymno favorito á Virgem: *O gloriosa Domina*. Ergueu depois os olhos ao céu, com uma expressão ineffavel de intima e indefinivel consolação, exclamando em transportes de santo jubilo: *Vejo o meu Senhor, vejo o meu Senhor!* Depois, ao cair da tarde, recitados com extraordinario fervor os Psalmos Penitenciaes, como quem adormecce n'um suavissimo somno da innocencia, expirou n'um sorriso da eterna bemaventurança. — Tinha o Santo 36 annos de idade, não completos. Era n'uma sexta-feira, 13 de Junho de 1231.

22 — No mesmo ponto de seu falecimento appareceu o Santo em Vercelli a um seu amigo o abbade D. Thomaz Gallo, que então se achava enfermo, e, curando o repentinamente, lhe disse: *Agora acabo de deixar em Padua o meu jumento, e já me vou á Patria*. Veio depois a entender o abbade que o Santo se referia a seu passamento e partida para a gloria; e, averiguando a hora precisa do falecimento do glorioso Thaumaturgo, concluiu que era a mesma em que lhe appareceu em Vercelli. — O glorioso transito do insigne Franciscano foi divulgado na cidade pelas vozes das creanças, que bradavam: *Já morreu o Santo, morreu Santo Antonio*. — Ao seu corpo foi dada sepultura no convento de Santa Maria, em Padua, por comprazer com o desejo que o Santo manifestára em seus derradeiros momentos. — Pouco tempo depois da sua morte, como eram tantos e tão extraordinarios os prodigios com que o céu apregoava a santidade de seu servo, tratou-se logo de promover a sua canonisação. Ultimado o processo, e approvado em Roma, depois de vencidas, por manifesta intervenção do Santo, algumas difficuldades que se suscitaram, foi aprasado para a cerimonia solemne da canonisação o dia do Pentecostes, 30 de Maio de 1232, decorridos apenas onze mezes após o glorioso transito do inculto Thaumaturgo. Celebrou-se a cerimonia na igreja de Spoleto, onde então se achava a Curia Pontificia. O Summo Pontifice leu o decreto solemne da canonisação, na presença de grande numero de Cardiaes, Bispos e outros Prelados, e de innumeravel multidão de povo, que prorompeu em victoriosas aclamações ao novo Santo. — Referem as memorias antigas que, no mesmo ponto, se tangeram, sem humano impulso, os sinos de todas as igrejas de Lisboa.

23 — Para honrar as reliquias d'este seu glorioso Patrono, levantou a cidade de Padua um sumptuoso templo, onde ha quasi sete seculos se veneram os despojos do glorioso filho de Lisboa. Quando se procedia á sua trasladação da primeira jazida onde repousaram, foi encontrado todo o corpo reduzido a cinzas, á excepção da lingua, que estava incorrupta e fresca, qual se estivera vivo. Assim se conserva ainda hoje; — premio

condigno ao zelo incansavel do glorioso apostolo que, por meio d'ella, tantas conquistas operou para a Igreja e para a gloria do Paraíso.

BRAGA

Em julho:

Petições depositadas.	35
Cartas de agradecimento.....	4
<hr/>	
Total das cartas.....	39

Graças a Santo Antonio

— Manoel J. F. Torres, de Gualtar, offercece a Santo Antonio por um milagre recebido 1\$000 réis.

— *Meu Santo Antonio* — Envio vos 500 réis que vos prometti se a minha amiga entrasse para o recolhimento.

Vae entrar em breves dias, agradeço-vos este tão grande beneficio, e serei sempre grata. — *Vossa fiel devota*.

— *Meu querido Santo Antoninho*. — Venho muitissimo penhorado agradecer vos a graça que nos fizestes em meu irmão ficar bem em ambos os exames. Não tenho phrases com que possa exprimir-me. Continuae a dispensar-nos a vossa protecção espiritual e temporalmente. Não vos esqueçaes de nós Remetto-vos a esmolinha prometida. — *Vossa devota*. — *M. C. B.*

— *Santo Bemdito*. — Envio-vos 700 réis para o pão dos vossos pobresinhos em agradecimento de uma graça que me alcançastes de Jesus e Maria. Continuae a proteger-me.

Braga, 28 de julho de 1901. — *A. B. R.*

AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e precisos a graça ou graças recebidas de S. Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmo-las mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vemos que a maior parte das graças não vêem ao publico, o que não pôde ser agradavel a Santo Antonio; pois é justo que teste o seu reconhecimento quem recebe os favores.

Não é forçoso nem muitas vezes é conveniente que venha por extenso a assignatura.

Mas o que é de summo interesse para edificação dos fieis e gloria do Santo, é saber-se a graça ou graças que elle tão profusamente distribue aos seus devotos.

A's pessoas instruidas recommendamos o maior cuidado na redacção e orthodoxia das cartas e ás ignorantes aconselhamos que recorram a pessoas prudentes e piedosas, que as ha em toda a parte, sobretudo nos centros da Pia União e do Pão dos Pobres.

VIANNA

Continua regularmente a distribuição do Pão de Santo Antonio na sacristia do templo de S. Domingos, ás 7 horas da manhã das quartas-feiras de cada semana.

A caixa rendeu no mez findo 4\$200 réis.

VIZEU

O *Mensageiro Popular* insere no seu numero 7.º um primoroso artigo consagrado á memoria da ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Andrade insigne benfeitora das Obras de Santo Antonio.

O seu testamento, diz o nosso presado collega, é o espelho da sua alma.

Importante dotação ao seu filho dilecto, estabelecimento das officinas de Santo Antonio, — 20:000:000 em inscripções e 5:000:000 em propriedades; lembranças de amizade a algumas pessoas e testemunho do seu affectuoso respeito pelo marido que com a sua acquiescencia, por sua vez revella que apreciava devidamente o thesouro que a morte lhe levou.

O seu mais persistente empenho foi a fundação das officinas de Santo Antonio cujos progressos impulsionou com perseverança e que teve a fortuna de ver altamente patrocinado por outras almas generosas.

COVILHÃ

Temos acompanhado com particular interesse o movimento religioso antoniano d'esta terra.

Desde 1896 a igreja de Santa Maior da Covilhã tem sido um dos centros mais fervorosos da Obra de Santo Antonio que encontrou no bello jornal *O Rebate* um poderoso auxiliar.

Ultimamente, como a Obra já se conhecesse bem a si mesma, entendeu representar-se officialmente pela *Voz da Caridade*, excellente revista mensal illustrada, e uma especie (perdoem-nos os redactores a confiança) de *Voz de Santo Antonio* — *Supplemento* para a Covilhã.

E' alli que a par de bem redigidos artigos se dá conta do movimento antoniano, sobretudo do *Pão de Santo Antonio* na igreja parochial em cujo proveito reverte o producto liquido da *Voz da Caridade*.

Oh! se houvera muitas *Vozes de Caridade* como estaria já ramificada por todo o paiz a instituição do *Pão dos Pobres*, e como a percentagem da immoralidade seria mais reduzida.

Bem hajam os nossos collegas da Covilhã que não se fizeram esperar n'uma obra de tanto alcance religioso e social.

A distribuição do Pão, diz a *Voz da Caridade*, principiou de fazer-se quinzenalmente e foi já assim feita no domingo do corrente sendo contemplados 20 pobres no final da missa celebrada no altar de S. Antonio.

Este facto dá a prova cabal da relativa prosperidade em que felizmente se encontra a bella instituição do Pão de Santo Antonio, que graças a Deus pelo seu character essencialmente caritativo e religioso, vae inspirando uma especial devoção nos corações dos generosos covilhanenses. E oxalá nós possamos n'um futuro pouco distante dar ainda maior latitude ás faculdades caritativas d'esta instituição, distribuindo semanalmente as

esmolas, lançadas por intermedio do grande fidalgo junto do seu altar.

As boas meletivas são sempre bem recebidas n'esta cidade cujos habitantes são naturalmente inclinados ao bem; isto nos dá esperança e faz com que prosigamos na missão que nos impozemos de lomentar tanto quanto podermos esta obra util e boa.

E que de bençãos, não chovem sobre os bemfeitores e protectores da pobreza!

PORTALEGRE

— *Meu querido S. Antonio.* — Aqui vos envio 1\$000 réis, que vos prometti para o Pão dos Pobres por me fazeres a graça de me ouvires na minha petição.

Muito agradeço e rogo me desculpeis a demora.

Portalegre, 17 de agosto de 1901.

ESCALLOS DE BAIXO

— *Meu grande Santo Antonio.* — Com o coração transbordando de alegria e prazer venho agradecer-vos a graça obtida.

Estando prestes a fazer exame recorri a vossa valiosa protecção; vós ouvistes as minhas supplicas e dignastes-vos despachal as.

Prometti a publicação d'esta graça na *Voz de S. Antonio*.

Um vosso devoto.

Escallos de Baixo, 17-8 901. — *J. M. N. Barata.*

— *Glorioso Santo Antonio.* — Cheias de alegria e reconhecimento vimos publicar no vosso jornal como vos promettemos a graça que de Deus nos obtivestes, a approvação do nosso exame.

Glorioso Santo: de hoje em diante seremos sempre vossas filhas devotissimas ajudadas com a vossa protecção, pedindo-vos que nos abençoeis e a todos os nossos afim de cumprirmos em tudo a vontade de Deus e alcançarmos todas as graças necessarias.

Somos vossas verdadeiras devotas. — *S. da P. P. Fazenda e Floriania Maria.*

Escallos de Baixo, 17-8-1901.

— *Meu bendito Santo.* — Acudiste-me na minha afflicção. Cheio de alegria e prazer venho agradecer a graça que me concedestes, a approvação do meu exame.

Como vos prometti a publicação d'esta graça venho hoje fazel-o; isto para honra e gloria vossa.

Um vosso devoto.

17-8-1901. — *J. P. Fazenda.*

ANGRA (AÇORES)

Snr. Director.

Tenho a honra de lhe escrever para lhe pedir o favor de publicar a seguinte graça na *Voz de Santo Antonio*:

— *Meu querido S. Antonio.* — Agradeço-vos do intimo da minha alma mais um favor que alcançastes para este vosso devoto qual foi o de ficar approvado nos 2 exames que acabo de fazer. — Um seminarista angrense. — *V. P. C.*

Seminario d'Angra, 23-7 901.

holicismo puro em seus principios e nas suas manifestações multiplas, uma das quaes é — a assistencia publica e a caridade para com os enfermos. E as Irmãs, no dizer do illustre clinico são excellentes como enfermeiras e principalmente como serventes.

Deve-se isto ao catholicismo? Deve-se ás habilidades naturaes e á experiencia? Não o queremos agora aqui averiguar. Basta-nos saber e com tanto nos contentamos, que as Irmãs Hospitaleiras, *apesar de professarem o catholicismo*, são excellentes como enfermeiras e serventes.

Logo o catholicismo nem prejudica as acções philanthropicas nem d'ellas é antinomico. Logo por via de que regras e e em obediencia a que principios reprova o snr. dr. Eduardo as manifestações do catholicismo, quando por outro lado acha excellentes o serviço de quem vive d'esse catholicismo?

Vem agora a acta do conselho clinico:

«Aos vinte e oito de julho de mil novecentos e um, pelas nove horas da manhã, reuniram-se na sala das sessões do conselho medico do Hospital da Santa Casa o director clinico — dr. Eduardo Augusto David e Cunha, e todos os outros facultativos do mesmo Hospital — Eduardo Corrêa d'Oliveira, Luiz Ferreira de Figueiredo e José de Mello Ferrari, o primeiro servindo de presidente e o ultimo de secretario. O presidente abrindo a sessão declarou, que, tendo-lhe sido requerida pelos tres facultativos acima mencionados a convocação extraordinaria do conselho, afim de se occupar da conveniencia da continuação do serviço das Irmãs Hospitaleiras, o convocára para hoje pela circular datada de hontem e para o mencionado fim. Mais declarou que achando-se approvada e assignada a acta da sessão anterior a não mandava lêr. O vogal Ferrari pediu a palavra e disse que o assumpto era de superior importancia, devendo ser tractado livre de influencias extranhas á conveniencia do serviço hospitalar e que o conselho devia sobre o assumpto estabelecer doutrina que habilitasse os seus vogaes a responder a quaesquer corporações ou individuos que sobre tal objecto os interpellem. Todos os vogaes concordaram com as precedentes considerações. Nesta altura o vogal Ferrari pediu aos restantes membros do conselho que o informassem do seu juizo acerca das irmãs hospiteiras, pois que, em virtude das excepçoes circumstancias em que ha dois annos se encontra, não tem como elles tão largos elementos de apreciação, e todos informaram que o serviço feito pelas Irmãs Hospitaleiras não é superior ao que era feito pelo pessoal laico.

«O vogal Ferrari declarou que em virtude d'estas informações se julgava habilitado a julgar do assumpto de que o conselho se estava occupando. Então o presidente alludindo ao disposto no artigo dezeseite do regulamento geral do Hospital que mandava que as votações que envolvam apreciações do merito de qualquer pessoa devem ser feitas por escrutinio secreto, propoz que assim se procedesse á votação para se julgar a conveniencia de continuarem ou não em serviço n'este Hospital as Irmãs Hospitaleiras — o que foi approvado. Em seguida procedeu-se á votação por escrutinio secreto, verificando se que, por unanimidade, o conselho julgava conveniente que as irmãs hospiteiras não continuassem a fazer serviço n'este hospital. O presidente explicou o seu voto em obediencia aos seus principios nunca dementidos em acto algum da sua vida — o que deu motivo a que cada um dos membros do conselho fizesse eguaes declarações. Em seguida foi lida, ap-

provada e assignada a minuta d'esta acta que para aqui transcrevi por ser o livro especial para este fim destinado. — José de Mello Ferrari. Vizeu, vinte e oito de julho de mil novecentos e um. Eduardo Augusto David e Cunha, Eduardo Corrêa d'Oliveira, Luiz Ferreira de Figueiredo, José de Mello Ferrari, secretario que a escreveu e assigno.»

«Está conforme.

«Secretaria do hospital da Santa Casa da Misericordia de Vizeu, 29 de julho de 1901.

«O capellão, inspector-fiscal e secretario — Antonio dos Santos Casanova»

*
* *

Até aqui os clinicos do hospital de Vizeu.

Agora a Meza da Santa Casa da Misericordia, na sua sessão de dois d'agosto:

«Foi lida a acta da sessão extraordinaria do conselho medico de 28 do proximo passado mez com o officio de remessa do clinico director do hospital, e os officios dos directores das enfermarias em resposta aos que a Meza lhes mandou individualmente pedindo a sua opinião *a respeito da conveniencia ou inconveniencia da continuação das irmãs hospiteiras no nosso hospital*: — opinião esta que a Meza entendeu ter o direito de saber, visto que os clinicos do hospital *simplesmente por um acto de cortezia* ousaram pedir-lhe auctorisação para responderem a um questionario que o presidente *da commissão liberal* lhes fez relativamente a Irmãs Hospitaleiras e no qual se pediam informações evidentemente para apreciar actos da mesma Meza.

«Como se vê dos documentos transcriptos *por parecer unanime responderam ser inconveniente e continuarem as hospiteiras*.

«A Meza, depois de bem ponderar estas respostas, comparando-as com o que os mesmos medicos haviam dito em documentos officiaes relativamente aos serviços das irmãs e com os motivos allegados na referida acta do conselho, verificou que *essas respostas são de nullo valor* e por isso em nada prejudicam a deliberação tomada na sessão de 28 de junho ultimo em favor da continuação do pessoal congreganista. E isto pelas seguintes razões:

«1.^a O serviço das irmãs, *se não é superior* ao do pessoal secular — da leitura d'alguns officios dos medicos parece inferir-se o contrario — *ao menos é equal*, como elles proprios dão claramente a entender na mencionada acta do conselho;

«2.^a A ultima informação do clinico director do hospital, que afirma cathegoricamente *ser excellente o serviço das irmãs e satisfazerem-lhe por completo* — informação mais valiosa do que a dos outros medicos, porque é elle quem de perto vigia e vê o desempenho dos complexos serviços d'uma enfermaria, os quaes — note-se bem — são muito mais que a simples ministração dos remedios e confecção d'um penso;

«3.^a O motivo allegado no conselho para taes respostas é a obediencia aos seus principios anti-catholicos, ou anti-congreganistas, como o presidente — o snr. dr. Eduardo Augusto David e Cunha muito claramente explica no seu officio que acompanha a referida acta do conselho — quer dizer: *os medicos acham inconveniente a continuação das irmãs só porque são religiosas, e não por falta de competencia* para o serviço, que, como já se disse, se não é superior, tambem não é inferior á do pessoal laico;

«4.ª A opinião medica tem apenas valor consultivo, e ainda este é só em materia technica, tendo já a Meza n'este sentido a sua opinião favoravel, pois todos teem affirmado unanimemente serem bons os serviços das irrações: e se é certo que o conselho medico pode ser — embora indevidamente — posto de parte nas deliberações da Meza mesmo em materia technica, o que já por mais d'uma vez tem succedido, agora no caso sujeito não só pode, mas até deve ser posta de lado a opinião medica, porque elles a baseiam nos seus principios anti-congreganistas, anti-catholicos, que não constituem de certo materia technica de medicina, sendo de notar ainda que nomear e conservar os empregados é exclusivamente das attribuições da Meza

«A Meza, pois, mantem-se nas suas resoluções, affirma de novo os seus sentimentos liberaes, propugna pela maxima liberdade perante todos os individuos e reprova, por isso, a perseguição contra quaesquer pessoas, sejam quaes forem as suas crenças religiosas, porque isso seria a violação da sacrosanta liberdade de consciencia».

Muito bem. Isto é que é pôr os pontos nos ii.
Braga, 24-8-901.

O CHRONISTA DA «VOZ».

Recebemos e agradecemos o «Exercito Portuguez», o «Sanctus Franciscus» e o «Bulletin Historique».

A' «Opinião», de Braga, agradecemos a amavel referencia ao nosso numero de julho.

A «Estrella Oriental» transcreveu os nossos artigos do fundo **Os catholicos e o Papa e Decrescimento da População**. A mesma linhaza devemos ao «Athleta Christão» que transcreveu **Decrescimento da População**, ao «Jornal do Brazil» que inseriu nas suas columnas toda a *Chronica ligeira* de maio, a *Nossa Senhora da Gleva* e outras locaes da «Voz de Santo Antonio».

E'tudes. Publiées par des Peres de La Compagnie de Jesus.

(20 Aout)

Le concordat est-il observé? — La suggestion et enthérapeuti que — Grandeur et decadence d'une institution. — Episode d'une confiscation de biens congréganistes (1762). — Chronique des missions. — Catéchisme de Léon XIII — Marie Pharou. — Revue des livres. — Notes bibliographiques.

A Grandiosa Obra de Santo Antonio

E' um livrinho de 64 paginas, com umas lindas capas a chromolitographia, contendo — Noticia sobre o Pão dos Pobres — Pia União de Santo Antonio — Vida de Santo Antonio — Trezena em honra de Santo Antonio e mais algumas devoções.

E' um livrinho que esperamos vêr lido por todos.

A isso se destina pelo seu todo, até pelo preço que é só de 50 réis.

Quem o adquirir verá se não daria como bem empregada só pelas capas esta quantia.

Pedidos á administração da *Voz de Santo Antonio*, Braga.

NEMO

A Doutrina Maçonica

A' venda na Administração da «Voz de S. Antonio e na Pharmacia Souza Gomes, Praça Municipal — Braga.

Preço 200 réis.

ALMA AOS PÉS DE MARIA

Um bello livro proprio para os exercicios do mez de Maio em honra de Maria Santissima. Brochado 300 réis. — Encadernado 400 réis. Livraria Castro-Editora — Povoia de Varzim.

VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

Direcção. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Director da «Voz de S. Antonio» — Braga.

Assignatura. — 1\$200 réis por anno, no reino e ilhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.



NOSSA SENHORA D'ASSUMPÇÃO

BAHIA (BRAZIL)

Anna H. Guimarães Machado agradece ao glorioso S. Antonio a graça que lhe alcançou de Deus, fazendo com que seu marido recebesse uma dívida que lhe trazia embarços sérios para o seu negocio.

23-5-901.

RIO DE JANEIRO (BRAZIL)

Informa o *Jornal do Brazil* de 19 de julho (edição da tarde) que a direcção da **Assistencia Pia dos Pobres de Santo Antonio**, iniciou os seus trabalhos do anno de 1901-1902, no dia 6 de julho.

Por informações colhidas do mesmo jornal sabemos que se realisou em oratorio proprio a primeira sessão d'aquelle exercicio, sob a presidencia da exc.^{ma} snr.^a D. Amalia Rocha.

N'esta sessão fez-se balanço das esmolas do mez anterior, do qual adeanté damos relação, e foi confiada a presidencia por todo este anno á exc.^{ma} snr.^a D. Maria Thomazia Monteiro.

PORTO-ALEGRE (BRAZIL)

Recebemos e agradecemos a collecção do *Boletim do Pão de Santo Antonio* (1900-1901), redigido pelo incançavel propagador das *Instituições Antonianas*, o snr. conego Marcellino de Souza Bitencourt.

Da sua attenta leitura podemos constatar o fervoroso e crescente movimento do Pão dos Pobres em Porto-Alegre.

E' simplesmente admiravel que uma obra tão humilde na apparencia venha lá tomando as proporções de obras gigantescas. E' que o snr. conego Marcellino tem por fiador o Thaumaturgo portuguez, e por cooperadores homens e senhoras de verdadeira dedicação.

Cada numero do seu *Boletim* vem recheado de numerosissimos e avultados donativos que attestam a um tempo a caridade dos bemfeitores e a sublimidade do *Pão de Santo Antonio*.

Ahi vae um especimen :

MAIO 1901

Barão d'Aquino, da capital federal, por intermedio do dr. Israel Soares, entregou pela agencia Silva Lima. . .	50\$000
P. B. A., primeira terça-feira, impetrando uma graça.	2\$000
D. Olga Cezimbra Machado, da Cochoeira, em suffragio da alma de seu pae	3\$000
D. Dorothea Pauperio.	2\$000
D. Eulalia d'Oliveira Maciel uma graça.	2\$000
C. F., uma dita.	2\$000
M. D. G., uma dita.	10\$000
D. Amanda Dexheimer, idem.	500
D. Ignacia Fernandes de Carvalho, uma dita.	20\$000
Encontrado na caixa das cartas.	1\$000
F. L., novo contribuinte, pagando um anno, promessa.	60\$000
A. C., uma graça.	1\$000
A. M., uma dita.	1\$000
Um estudante, idem.	3\$000

A. V, idem.	10\$000
D. Ruth de Medeiros, da Cachoeira, uma dita.	25\$000
Juno de Medeiros, uma dita.	25\$000
C. F., em suffragio de suas filhas dd. Herminia e Maria do Carmo.	2\$000
D. Emilia Scherer.	500
D. Maria Innocencia dos Santos.	1\$000
Pela felicidade de um filho.	2\$000
D. Tertuliana Faustina de Oliveira, da Vaccaria, pelo C. do Povo.	10\$000
Z. C. M., da Cruz Alta, pelo prompto restabelecimento de sua irmã e sobrinho, idem.	2\$000
As jovens Enedina, Alcemira e Almira Castello de Miranda, de S. Gabriel, idem, em suffragio de sua avó.	10\$000
D. Ritoca Chagas, de S. Gabriel, sua mensalidade, idem.	1\$000
D. Florinda Menna Barreto, de S. Gabriel, de sua contribuição.	10\$000
C. R. B., primeira terça-feira, em cumprimento de uma graça já recebida.	1\$000
C. T. Flores Filho, em commemoração do primeiro anniversario do passamento da sua idolatrada esposa.	20\$000
P. B. A., segunda terça-feira, impetrando uma graça.	2\$000
Antonio Manoel da Motta, de S. Sepé, em acto de desagravo ás 5 chagas de Jesus Christo.	5\$000
Uma anonyma, em suffragio de um ente querido.	5\$000
A mesma, uma graça.	3\$000
Vindo de Santa Maria, entregue pelo rev. ^o vigario.	1\$000
A esposa do dr. Alfredo Haanwinckel, por intermedio do <i>Correio do Povo</i>	10\$000
Um anonymo, idem.	4\$000
Francisco Ribeiro Chaves, idem.	2\$000
A., idem.	2\$000
Uma devota, quatro graças.	2\$000
L. M., uma dita.	1\$000
Pedro Stock, de Santa Maria, em suffragio de seus paes.	4\$000
D. Amelia Stock, idem, idem.	4\$000
A mesma, idem, uma graça.	4\$000
D. Leopoldina Aragão.	1\$000
Enviado pelo protector Matteo Bazzo, de Farromeco :	
Luiz Fachini.	2\$000
Giorgio Betti.	2\$000
Oliva Betti.	4\$000
Giovanni Fin.	2\$500
Giacomo Bazzo.	7\$000
Dec.	2\$200
Adriano Gabriele.	7\$000
Maria Betti.	3\$000
Devota persone.	2\$000
Idem.	1\$000
Idem.	5\$000
Giuseppe Moschen.	1\$000
Mais para completar 42\$780 que veiu.	4\$000

Vê-se que os catholicos praticos de Porto-Alegre entram a despicar-se com os da nossa Braga, tão ciosa do seu amor a Santo Antonio, que não se deixou até hoje supplantar em generosidade por nenhuma terra de Portugal.

Uma coisa se faz em Porto Alegre que desejariamos vêr imitada pelos bons catholicos de Braga, e para ella já chamamos a attenção por mais d'uma vez. — *E' o cuidado escrupuloso em não deitar nenhuma esmola nos cofres sem indicar por escripto a procedencia ou pelo menos a razão da esmola; se é graça recebida, petição feita, mera esmola, etc.*

Muito lucraria com isto a edificação dos fiéis e a obra de Santo Antonio.

Agora, ouçamos do snr. Conego Marcellino.

«Rememorando

Pensamos alguns dias, que bem podiamos reunir algumas pobres familias em nossa igreja cathedral, para, suavizando um pouco as difficuldades de sua vida temporal, cuidarmos mais effizamente da espirital, n'esse doce e salutar amplexo da caridade com a piedade.

Afigurou-se-nos mesmo a imagem d'essa fecunda e larguissima alliança na lampada do Sanctuario; e na piedade que é o azeite, que alimenta a sua luz, recordando a verdadeira Luz, Nosso Senhor Jesus Christo, que espancou as trevas e alumiou os que se sentavam ás sombras da morte!

Assim, dissemos um dia: a caridade sem a piedade não será a verdadeira caridade em Jesus Christo; será philantropia, altruismo, outro qualquer termo que se possa inventar ou attributo que se lhe queira dar.

Haviamos recebido a — *Voz de Santo Antonio* — Revista que sahia a luz em Braga, organ da Pia União, propagadora da instituição — *O Pão dos Pobres ou O Pão de Santo Antonio* — que acabava de nascer em uma casa de roupas brancas, na cidade de Toulon, por um acto de insignificante apparencia, que se dera com Mademoiselle Luisa Bauffier — *uma fechadura desconcertada* — a 12 de Março de 1890; cuja obra pia se alastrava, como por encanto, por toda a Europa, já transpondo os outros continentes e ilhas, reconhecida, abençoada, enriquecida de indulgencias, reconhecendo todos um desses actos da economia da Providencia, tão constantes na vida do christianismo, como para resolver a questão social, para o qual os mais abalizados estadistas não podiam encontrar o meio; e de que o grande Leão XIII traçou com mão firme, certa, em sua luminosa Encyclica — *Rerum Novarum* — as bases inconcussas, fóra das quaes todo o esforço é vão.

Os fructos, os resultados colhidos d'essa instituição e da Encyclica já enchem aureas paginas da historia da Igreja nos ultimos annos do seculo que expirou.

Foi assim que a 15 de Agosto de 1895, precedendo uma solemne Tresena, com instrucções de propaganda, fundámos a nossa amada instituição, com 18 familias matriculadas, distribuindo 48 pães, alguns objectos de piedade, e isto sem havermos recebido um vintem de pessoa alguma; continuando a distribuirmos nas terças-feiras, sem jámais nos faltar com que comprar pão, acudir a outras necessidades e deixar de haver saldo! sem que nos passasse pela mente a velleidade de um dia vermos a nossa humilissima instituição no pé e attrahente aspecto que todos a vêm e contemplam, graças á vossa generosa caridade.

Hoje a abençoada Obra se acha identificada com o nosso bom povo; distribue 240 a 260 pães por dia, tres vezes na semana; auxilia a mais de 100 familias nas difficuldades da vida, fazendo despesas mensaes de seiscentos e muitos mil réis a novecentos e tantos.

Cuida da vida espirital com a palavra de Deus; com a pratica dos sacramentos, em tantos e tocantes actos, que muito têm edificado e contribuido para tornar a nossa Igreja um centro de piedade christã.

Em o quinto anno da sua fundação apresentou relatorio, como nos annos anteriores, accusando uma receita, até 18 de Julho do proximo passado, de 68:292,5088 e a despeza de 30:074,5908 réis.

Já possui um terreno que custou-lhe réis 32:500,000, para n'elle ser edificado o projectado Abrigo, cuja planta definitiva já é conhecida, para as familias pobres e honestas, com inteira independencia uma da outra; cada qual gerindo a sua vida, conservando seus costumes e habitos, sem outra responsabilidade ou obrigação, a não ser a observancia da moral christã e social; entrando apenas a Obra com a casa e auxilios, que lhe forem possiveis; pelo que fica libertada do grande espantallo que tanto aterrorisa essas fundações — o patrimonio — para a sua sustentação.

No vasto plano d'esse Abrigo, se acham traçadas duas crèches para as creancinhas, cujas mães se occupam no officio de criadas e foram operarias; sendo tambem aproveitado o edificio nos dias santificados para a fecunda Obra do Patrimonio das crianças desamparadas e descuidadas, que a par de variado recreio, receberão lições de moral, instrucção civica e religiosa, para assim ir as arrancando do vicio, da perdição, formando cidadãos para a patria querida.

Para este vasto plano, que já temos recolhido acima de... 10:000,000 réis, o que é muito, attenta a grande despesa mensal, as diversas outras Obras e largas subscrições, que surgem em nosso meio, aguardamos a acção da Providencia e oramos sempre em commun e em particular, ppra que Nosso Senhor toque os corações a virem em favor dos pobres.

Trabalhamos muito e trabalhamos sós, não podemos acelerar a nossa Obra, em obediencia á essa referida acção, aos multiplos deveres do nosso cargo e á necessidade de obtermos o nosso pão de cada dia.

Depois de um anno e sete mezes de animadores e realmente consoladores resultados, tivemos a feliz idéa de publicarmos o nosso *Boletim*, que fosse dizer a cada um dos benefiteiros e fiéis o que se tinha feito; o que se pretendia fazer; mostrar-lhe a legitima caridade em Jesus Christo; apresentar-lhe os factos edificantes em nosso meio christão-social, e além; excitar-lhe a piedade, que produz e acrycola a caridade; ensinar-lhe a fórma de fazer violencias ao coração de Deus, por meio e intercessão do nosso Padroeiro, o Thaumaturgo Portuguez, o miraculoso Santo Antonio, o Santo de todo o mundo, o Santo de todos os seculos, como o chamou Leão XIII, recommendendo e enriquecendo de indulgencias essa Obra, que apparecia, como poderoso Agente executivo de suas idéas, explanadas n'aquella admiravel Encyclica, verdadeira e poderosa projecção do —

Lumen in Caelo — e os bons resultados não se fizeram esperar; muitas instituições se fundaram nos outros Estados ao nosso exemplo, dados e instrucções que offerecemos a pedidos, e occupamos sem contestação possível o lugar de primogenito no Brasil

As listas de donativos ahi estão registrando a fecundidade da caridade christã; as numerosas graças alcançadas; as expansões do coração em edificantes intenções, em actos que só a piedade sabe produzir nos arroubos da fé; a poderosa eloquencia das cifras; enfim, fazendo a instituição sempre mais conhecida, para ser mais amada.

Ah! a nossa penna corre veloz, sem lembrar-se do pequeno espaço de que dispõe! E' preciso parar; mas antes, dizer que muito confiamos em vossa caridade; e que temos viva crença que a nossa amada Obra não morrerá; será ainda symbolizada no Escudo glorioso d'esta valorosa cidade e nas dobras da legendaria bandeira da caridade dos brasileiros, herdada do velho Portugal christianissimo.

Proteger essa obra, é um dever sagrado dos corações bem formados.

Despresal-a, é desprezar a vontade de Deus, que assás se tem manifestado no fecundo incremento que a todos suprehende e convence. Erguei, Senhor, a vossa mão, abençoe a todos e nullifacae os elementos contrarios á vossa Obra bem amada.

CONEGO MARCELLINO».

Os cofres do Pão dos pobres de Santo Antonio

Braga. — Em julho — 198\$925 réis. Com o agio de 6\$500 réis em ouro — 201\$575 réis.

Do rendimento mensal das esmolas são distribuidas aos pobres, todas as quartas-feiras 490 boroas custando cada uma de 100 a 120 réis.

A distribuição é feita assim por semana :

Officina de S. José.....	10 boroas a	50 pobs.
Regeneração.....	8 " "	40 "
Preservação.....	6 " "	30 "
Remedios.....	10 " "	50 "
Santa Thereza.....	7 " "	35 "
Bombeiros.....	6 " "	30 "
Conferencias de S. Vicente de Paula....	60 " "	300 "
Conferencias das sr. ^{as} ...	40 " "	200 "
Differentes pobres da cidade.....	343 " "	1:515 "

Total dos pobres por mez. 3:250

Covilhã. — Em julho — 5\$330 réis de

D. Maria da Conceição E.....	500
Alexandre E.....	500
Creada do S. Dr. Abilio.....	400
Francisco Nunes da S.....	400
Esmolas no fim da missa.....	380
Anonymo.....	40
Encontrado nas caixas.....	3\$110

Total réis 5\$330

Vianna. — Em julho — 4\$200 réis.

Curityba (Brazil). — Em julho.

1.^a tirada :

<i>Receita</i>	
Esmolas recebidas na igreja.....	10\$000
Pelas zeladoras.....	46\$000
Pela sociedade «Rainha Margarida»....	10\$000
D. Thalia.....	5\$000
D. Januararia (de promessa).....	1\$000
Somma...	72\$000

Despeza

Pago aos fornecedores..... 74\$800

2.^a tirada :

<i>Receita</i>	
Pelas Zeladoras.....	28\$000
Mensalidades.....	12\$000
Esmolas recebidas na igreja.....	9\$000
Somma.....	49\$000

Despeza

Pago aos fornecedores.. 45\$600

3.^a tirada :

<i>Receita</i>	
Uma promessa.....	10\$000
Uma devota.....	1\$000
" ".....	4\$000
" ".....	1\$000
D. Januararia.....	2\$000
Pelas Zeladoras..	9\$000
Na igreja.....	13\$200
Somma.....	40\$200

Despeza

Pago aos fornecedores..... 88\$200

Rio de Janeiro. — Em junho, além d'outros os seguintes donativos :

D. Antonina Guimarães.....	20\$000
Francisco Gonçalves Vieira.....	175\$000
Aias de S. Antonio.....	32\$000
D. Umbelina Freitas E.....	35\$000

Quantias recebidas para o Pão dos Pobres

De José Bernardo C. das Neves 5\$000 réis. Mais a importancia que acima vem indicada, nas cartas que publicamos com destino a esta recadção.

Recommendações especiaes

As ordens religiosas em Portugal.

Os collegios catholicos.

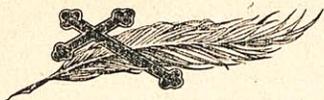
As missões no ultramar.

Tres graças de Santo Antonio.

Uma alma.

Tres vocações religiosas.

Todas as petições depositados na Caixa de Santo Antonio.



OS NOSSOS DEFUNTOS

*Pie Jesu, Domine,
Dona eis requiem.
Amen.*

Manoel Bernardo. — Pae do nosso dedicado amigo e bondoso assignante, o snr. Padre Julio Bernardo residente na Quinta de Subserra — Alhandra.

O snr. Padre Julio participa-nos assim a morte de seu estremecido pae :

Sur. Redactor.

E' um assignante da *Voz de Santo Antonio* que se dirige a V. Ex.^a a pedir a caridade de noticiar no proximo numero da *Voz* o fallecimento de meu pae, pedindo as orações dos assignantes pela alma de meu bom pae o snr. Manoel Bernardo fallecido em Proença a Velha, do concelho de Idanha Nova. Espero me fará esta caridade e favor, que penhorado agradeço. Sou com a maxima consideração e respeito o

De V. Ex.^a
mt. att. ven. e obr.^o

Padre Julio Bernardo

— *Brigida de Jesus Antunes.* — Falleceu na quinta da viscondessa (Torres Vedras), no dia 7 do passado junho, com a maior resignação, depois de ser fortalecida com os Sacramentos.

Era natural de Marrazes (Leiria). Foi sempre uma fervorosa irmã Terceira, virtuosa esposa e exemplar mãe de familia.

Deixou inconsolaveis seu esposo, um filho e uma filha, verdadeiros seguidores dos bons exemplos que lhes legou. Paz á sua alma.

— *Maria das Neves.* — Deu a alma a Deus em Agua Braia, freguezia de Santa Catharina da Serra (Leiria) no dia 1.^o de julho, com morte muito christã e edificante.

Era Terceira franciscana e pertencia á *Pia União* de Santo Antonio.

— *Anselmo Antonio da Costa Leite.* — Associado da *Pia União*, leitor assiduo da *Voz de Santo Antonio*, homem de crenças e catholico pratico muito querido em Barcellos

O nosso collega *Folha da Manhã* de que elle foi redactor e proprietario apresenta-nos os seguintes dados biographicos :

«Anselmo Antonio da Costa Leite tinha 63 annos de idade e nasceu em Soutello, concelho de Vieira.

Era filho do bacharel Francisco Antonio Luiz da Costa e Silva e de D. Thereza Rodrigues Leite.

Veio para esta villa ainda criança, e praticou o commercio na casa do tambem já fallecido snr. Fernando Cordeiro.

Depois passou a caixeiro cobrancista d'uma importante casa do Porto.

Mais tarde seu tio Antonio José Rodrigues Leite que era em Barcellos um honrado e importante negociante — chamou-o á sua companhia legando-lhe, passado tempo, os haveres.

Exerceu 30 annos a thesouraria da Camara Municipal, com grande minucia de escripturação e seriedade provada.

Foi durante muitos annos proprietario da *Folha da Manhã* e podemos dar testemunho dos prudentes artigos e noticias que escrevia, sempre com grande modestia, sob o anonymato, e era-lhe sobremancira desagradavel ver aquillo que não se pautava sempre pela maxima prudencia, pelos rigores da mais cautelosa linguagem, ainda mesmo nas occasiões mais criticas da politica de campanario.»

R. I. P.

Secção Scientifico-litteraria

Gallicanismo

NOTAVEIS revistas de questões sociaes vêem estudando a nova phase da Igreja Catholica e descobrem nos erros e systemas modernos não poucos traços de similhaça com os dos seculos passados.

As tendencias para o absolutismo de governos falsamente chamados liberaes, as disposições reinantes d'uma boa parte do clero encadeado a esses governos, a miseravel situação emfim do povo christão, sem fé que lhe abra os horizontes da eternidade, e sem dinheiro que lhe aligeire o fardo da vida, dão visos d'aquelle famoso erro chamado gallicanismo — ponto central de muitos outros erros.

O principio fundamental do gallicanismo vem expresso no artigo I da *Declaração* de 1682: S. Pedro e os seus successores, os Vigarios de Christo e toda a Igreja não receberam poder algum temporal, mas só e exclusivamente espiritual.

Como se chegaria a uma concepção do apostolado catholico tão diversa da que era já tradicional, e que predominára sobretudo na Edade Media?

O clero deixára-se notavelmente enervar pela posse de grandes riquezas, deixou-se ir, em grande parte, na onda dos prazeres e do luxo, e acabou por identificar social-

mente a sua causa com a dos ricos e dos poderosos.

Isto admitte muitas explicações e tem facil solução no estudo complexo dos tempos e dos homens, dos systemas e dos erros contemporaneos ao aborto do gallicanismo.

Mas a explicação do facto não é garantia sua. Ora é certo que possuir o clero riquezas descommunes para servir com ellas a causa dos ricos, deixando escabujar na miseria o pobre e o desherdado da fortuna — é deixar evidentemente a causa de Deus, porque não se pode a um tempo servir a Deus e ao suro.

Elle é effectivamente espinhoso fazer-se advogado social dos pobres, pois isto importa o fazer se cada um tambem pobre para melhor conhecer e amar aquelles a quem se quer beneficiar. Mas a nada menos obriga a virtude christã e sacerdotal, considerada em toda a sua grandeza sobrenatural.

E se ella esfria, quer seja no individuo, quer seja na classe a que o individuo pertence, o padre não pode mais cumprir a sua nobre missão de *juiz social universal*, advogado dos pobres, defensor dos opprimidos, regulador dos movimentos sociaes n'esta vida.

E quem ha n'este mundo que dispense os influxos directos ou indirectos d'esta missão do padre ?

Para todos, mas sobretudo para quem soffre ou tem de soffrer a lucta pela vida, para os pequenos e fracos, para os timidos e isolados, é uma questão de vida ou de morte a interferencia energica do padre.

Mas quando no clero rareia o amor sobrenatural dos pobres e dos opprimidos, não se fará esperar a affirmacão de que elle não é feito para isto, *que o seu destino e a sua alçada são meramente espirituaes*. Eis o gallicanismo. Para se fugir ao pezo da responsabilidade, negou-se o dever, e, graças as proselytismo, formou-se progressivamente um estado de cousas novo que foi tambem *uma religião nova*.

Desde então os pobres são abandonados e para a sua desgraçada sorte não ha consolações n'este mundo. Apenas por detraz dos veus do mysterio e do tumulo se entrevê uma vaga clareira de esperanza e felicidade. Mas o futuro com as suas promessas nem sempre pôde contrabalançar o presen-

te com as suas miserias e os seus desastres. E então é chorar, gemer e desesperar.

O padre declarando-se incompetente nas questões de ordem temporal obedeceu a estes dois principios: — Rejeitar a obrigação dos deveres sociaes, e impedir que os seus actos sobre assumptos terrenos cahissem debaixo da vigilancia e da censura. Na moral *gallicana* o padre só é typo de virtudes e exemplo de perfeição no terreno espiritual.

Quantos males não vieram d'aqui ? Emquanto o clero perante o direito divino se reputava isempto de obrigações e responsabilidades para com a pobreza, aos ricos ficava em pé o direito de explorar a classe pobre, ainda após o triumpho do christianismo.

Depois, na lucta pela vida, a riqueza e a força constituem uma superioridade que se arroga o privilegio de viver e de gosar á custa dos trabalhos e do suor de outrem.

A experiencia de cada dia constata este facto cuja existencia se explica por uma lei que tem quasi a precisão das leis physicas.

E' que, quando dois homens pactuam e estipulam entre si lucros reciprocos, estes lucros serão tanto mais deseguaes quanto mais desigual for a posição dos pactuantes.

A razão é obvia.

Os pobres carecem de meios de subsistencia.

Ora é esta carencia que os leva a estar por condiçõeas e ajustes desfavoraveis, emquanto os ricos, senhores de si e dos seus recursos, impõem á vontade condições onerosas.

Tal é a lei physica ou natural que deriva das relações humanas quando se põe o homem ao nivel dos animaes e não se faz caso da verdadeira moralidade.

Só a moral, filha da *velha* religião christã e da eterna justiça de Deus pode restabelecer entre os homens o justo equilibrio das forças e das situações, porque só essa moral, gosa da extensão e da comprehensão necessarias aos grandes interesses materiaes e espirituaes da humanidade.

Não foi em vão que S. João nos disse que pretender a Deus sem amar o proximo é mentir e seduzir-se a si mesmo. E Santiago observa que a religião pura e immaculada consiste em cuidar das viuvas, dos orfãos e de todos os desgraçados.



© jogador

*Passei horas de vigilia
Por noites de inverno frias,
Deixei mulher e familia
P'ra me entregar ás orgias.*

GLOSA

*Vim da alôeia p'ra cidade
Só em busca do prazer,
Deixei filhos e mulher
P'ra viver em liberdade,
Causei a infelicidade
De toda a minha familia...
— Até lhe ganhei quisilia!
Pois sentia o peito em fogo,
Por jogar... Joguei, e no jogo
Passei horas de vigilia.*

*Se perco ãigo «lá vae,
Só quem não joga não perde!»
Esta mesa, o panno verde
Até dormindo attrae!
Nem a memoria do pae,
Nem da esposa as agonias,
Nem pungentes ironias,
Nada me fará mudar;
Até mesmo hei de jogar
Por noites de inverno frias!*

*Nem da edade os frios gelos
Fazem que esta paixão mude;
Nem a falta de saude
Nem a quéda dos cabellos.
Enfastiam-me os anhelos
Da minha pobre Cecilia;
N'estas horas de vigilia
Sinto medonhos prazeres
Para mim não ha deveres:
Esqueci-me da familia.*

*Sem me importarem caudilhos
P'ra mim nada foi defezo;
Votei a esposa ao desprezo,
Esqueci-me até dos filhos.
Emfim, cegaram-me os brilhos
D'essas noites de folias...
Inda mesmo nas mais frias
Eu senti prazer profundo.
Esqueci tudo no mundo
P'ra me entregar ás orgias!*

UM JOGADOR.

As nossas illustrações

I -- S. FRANCISCO E A INDULGENCIA DO PERDÃO. — Traz-nos á imaginação a presente gravura a Porciuncula, esse «logar solemne e mysterioso», cujo gasto pavimento nos attesta a fé de sete gerações seculares, que ali vieram ajoelhar-se contritas, e ao nosso coração a saudosa recordação do vulto mais proeminente do seculo XIII, do Seraphim do amor, do Propheta da Umbria, do Christo do Alverne, de Francisco de Assis.

A Porciuncula, e Francisco!...

A Porciuncula o pequenino santuario, ponto exiguo perdido na vasta amplidão da grande basilica, o cantinho do céu onde milhares de espiritos celestes cantam quasi de continuo os hymnos do paraizo; Francisco a alampanda do amor divino que ardia ali sem nunca extinguir o oleo da caridade.

Francisco e a Porciuncula!...

Mas deixemos que não são para agora essas duas recordações. Lembremos singelamente o jubileu da Porciuncula, cuja origem representa em parte a nossa gravura.

Era n'uma formosa noite outomnal de estrellas e argentea lua, em outubro de 1221.

Francisco pelo cahir da noite affastou-se para uma gruta, distante da ermida da Porciuncula uns cincoenta passos.

Chega, entra, ajoelha-se, pega d'um crucifixo, põe em sua frente uma caveira, crava os olhos na imagem de Christo e começa a orar.

Passaram-se momentos de nocturno silencio. Os olhos immoveis, fitos no seu amado, começam a humedecer-se.

Passam alguns momentos mais e a funda mudez do bosque já deixa ouvir um suspirar compassado, e o luar que se cõa pelo arvorêdo, que assombra a gruta, reflecte-se nos dois rios de lagrimas que lhe caem pelas faces sêccas e palidas e vêm ensopar a terra.

O Santo, esta noite orava pela conversão dos peccadores, cujo perdão implorava com tantas lagrimas.

Passaram-se horas.

Já ia adeantada a noite quando uma voz, suave como a da philomela nocturna, despertava o Extatico.

A' Porciuncula, Francisco, á Porciuncula.
Surge, e dirige-se meio entre céu e terra, enlevado sempre na contemplação, para a ermida dos anjos.

Ao penetrar no acanhado recinto, uma grande visão se lhe apresenta.

Christo e sua santa Mãe no meio de grande legião de espiritos celestes, que então hymnos sagrados, pairava em mysterioso adejo, sobre o altar da capellinha. O Santo coseu-se humilde e respeitoso com o pavimento. Christo chamou-o então do meio da magestosa côrte celeste, e depois de privados dialogos que só os dois amantes conheceram, o Redemptor do mundo acrescentou: «Sei Francisco, quanto te amofinas pela salvação dos peccadores; pede pois para elles qualquer graça que Eu t'a concederei.»

Francisco que era um poeta de alma grande, não pediu a um Deus immenso uma insignificancia.

Rogou-lhe que a todos os que entrassem n'aquella capellinha contritos e confessados, lhes fôsem perdoados todos os peccados.

O pedido era tão extraordinario, que o mesmo Christo o achou grande, respondendo-lhe: «muito é o que me pedes, Francisco, porém mais receberás ainda.»

Recebido o favor implorado, o nosso Santo procurou logo, ao amanhecer do dia seguinte, o Papa que se achava então em Perusa, e solicitou a confirmação da grande indulgencia. Achou o Summo Pontifice desmarcada e nunca ouvida a graça pedida, e fez varias difficuldades, mas attendendo aos testemunhos de Santo de Assis, de quem já o mundo inteiro falava, concedeu que se ganhasse o extraordinario jubileu todos os annos durante um dia natural.

Faltava sómente determinar o dia em que se podesse começar a ganhar a multiplice indulgencia.

Até este mesmo foi precisado por Christo, n'uma visão semelhante á que deixamos acima descripta, que nos dispensamos de narrar, pelo facto de a representar a presente gravura.

Foi esta origem toda divina, que excitou a fé dos povos do seculo XIII e seguintes, que desciam de todas as nações do mundo, a buscar o perdão n'aquelle logar propiciatorio de que Deus fez um throno de misericordia.

Depois que o gêlo da indifferença religiosa esfriou o brazido da caridade e entibiou a chamma da fé, diminuiu a concorrência dos povos, mas não obstante ainda hoje é a Porciuncula um Loreto, uma Lourdes, uma Roma, uma Terra Santa, um d'estes pontos saudosos do mundo, para onde a humanidade constricta levanta os olhos confiados, para alentar-se na jornada para a eternidade.

*

* *

II — A ASSUMPÇÃO DA VIRGEM.— Bellas e consoladoras verdades nos traz cada dia ao espirito o kalendario catholico!

No outro dia era a Indulgencia do Perdão a lavar os corações manchados da culpa e a deixal-os de posse do Espirito Santo que tem o seu throno nas almas limpas: *Beati mundo corde... Vos estis templum Spiritus Sancti.*

Hoje é a consoladora verdade da Assumpção da Virgem a recrear-nos a imaginação agitada pelas tempestades da alma, a rasgar-lhe para além tumulo um mundo novo, amplo, eterno, onde como em porto de salvamento encontre socego e paz este coração irrequieto, este corpo gasto e esta alma afflicta.

Bem haja a Igreja Catholica que tão bem nos sabe as necessidades e que tão justamente nos satisfaz as exigencias do todo o sêr psychico e moral.

Não ha desalentos que esta boa mãe não desfaça, não ha tribulações que ella não acalme, não ha dôres que ella não suavise.

E o mysterio da Assumpção condensa admiravelmente toda a maternal sollicitude da Igreja. Rasga aos sonhos da infancia um céu esplendoroso onde está Deus e Maria, os Santos e os Anjos. Mostra aos ideaes da juventude um typo de perfeição bem mais acabado que esses da pantheistica litteratura moderna que materialisa para bestialisar. Maria erguida entre o tempo e a eternidade, ou sentada á dextra de seu Filho—que pensamento mais de molde para o pensamento vago da juventude que de tudo abunda menos de fixidez e de calma, filha da fé?

Para a velhice nomeadamente é a Assumpção da Virgem ponto luminoso no occaso da vida, onde vão morrer os ultimos raios da humana esperanza.

Lá está quem como eu palmilhou a es-



KRUGER E SUA ESPOSA

trada da dôr, e succumbiu á morte para me dar a vida. Tambem aquelle corpo tremeu e como junco deante da injustiça e da prepotencia. Aquella alma provou até ao fundo as fezes do calix da amargura d'esta vida mortal.

Cruzaram-se n'aquella imaginação tenra as fortes tormentas que tanta vez surgem no coração de mãe, e que em Maria fôram cruel patrimonio.

Está lá o meu arrimo, o meu tudo abaixo de Deus! Deus te salve Maria, estrella do Norte n'este mar encapellado da vida, oasis de esperança n'este deserto de dôr, paraizo antecipado n'este passageiro desterro, vida da minha vida, alma da minha alma!

*

Com este satisfazer das aspirações do coração humano em cada idade da vida, prende naturalmente a necessidade de vêr na Assumpção da Virgem mais do que uma pia tradição da Igreja.

Assim é que na Hespanha e na America vae já lavrando a idéa e o desejo de vêr firmada em dogma a universal tradição de que *Maria foi assumpta ao céu em corpo e alma.*

A carta do Snr. Arcebispo de Sevilha ao Summo Pontifice sobre o assumpto diz assim:

«*Beatissimo Padre*

O Arcebispo, Deão e Cabido da Sé metropolitana e patriarcal de Sevilha, em proprio nome e em nome de todos os fieis do Arcebispado, e a assembleia superior d'esta mesma cidade representada e fazendo-se interprete dos sentimentos religiosos de todos seus subditos, movidos pelo amor que consagram á Santissima Virgem, e pelos desejos do augmento de suas glorias, veem reverentes ante Vossa Santidade supplicar, se assim julgar opportuno, se digne engastar na aurea corôa da Rainha dos Céos o ultimo florão, para complemento de sua parte da accidental gloria cá na terra, declarando *dogma de Fé a sua assumpção corporal ao Céo*, onde, ao lado de seu Filho, assiste como medianeira nossa, e advogada poderosa, sem excluir os peccadores, dos quaes, como diz S. Agostinho, *Ella é a unica esperança.*

Estamos persuadidos, Santissimo Padre, de que tão faustoso acontecimento contribuiria effizazmente para fomentar a piedade nos fieis e excitar n'elles as virtudes christãs, atalhando de caminho as pretensões orgulhosas do funesto naturalismo, que tenta invadir os dominios da sciencia, perturba todas as classes e organismos sociaes, ameaçando derribar e envolver em ruinas materiaes e moraes os povos da terra.

A tradição apostolica d'este mysterio transluz em nossos dias signaes de manifesta evidencia.

São testemunho todos os SS. Padres, tanto gregos como latinos, que *ex professo* hão tratado d'este assumpto, sem excluir o dulcissimo cantor das glorias de Maria, o melifluo Doutor S. Bernardo; os antiquissimos monumentos liturgicos do Oriente, e Occidente, que mostrem evidentemente a constante fé da Igreja n'este particularissimo privilegio da Mãe de Deus.

Unanime é tambem o sentir dos theologos escolasticos, ácerca d'este mesmo ponto, a começar pelo Angelico Doutor. As familias religiosas, sem exceptuar uma, o admittem e o proclamam com enthusiasmo. A arte ha-lhe consagrado suas mais bellas inspirações; e os institutos de Caridade e de beneficencia, desenvolvem-se, e multiplicam-se por toda a parte sob *esta invocação.* O inclito conquistador de Sevilha, Fernando III o Santo, dedicou-lhe as principaes mesquitas, purificadas e convertidas em templos catholicos das cidades que sua espada sempre victoriosa arrebatara á *Meia Lua.* A mesma liturgia, com que a Igreja solemnisa este mysterio, e a quotidiana commemoração que d'elle fazem os fieis na reza universal do Santissimo Rosario, recommendada e encahecida a mais não poder ser por Vossa Santidade em memorandas enciclicas cheias de ternura e de confiança sem igual para com Ella, a Bemdita Mãe de Jesus; não deixam a mais leve sombra de duvida, em todos aquelles que teem por certo, e confessam que a Igreja assente sobre a rocha de Pedro, e assistida do Espirito Sancto, é *columna e firmamento inabalavel da verdade.*

Esta creença geral dos fieis, é confirmada pela razão, alumiaada pelos raios da Fé. Por quanto, se a carne de Christo, é substancialmente a mesma que tomou do seio de Maria, e em attenção ao Divino Verbo humanado, não consentiu Deus que o seu *Santo Corpo* experimentasse a corrupção do sepulcro, facilmente se colige que, tambem Jesus Christo havia de querer, em favor de sua mesma Mãe, antecipar-lhe a resurreição de seu virginal corpo, a quem já d'antes havia cobrido com sua graça, logo desde o primeiro instante de sua Concepção *ab eterno*, fazendo-a pura e immaculada, pelos meritos do Filho de Deus feito homem.

A este privilegio tão extraordinario, alludiu, segundo a interpretação dos SS. Padres, o Propheta Rei, quando disse: *Senhor, entra em teu repouso, Tu e a arca de tua sanctificação.* — *Apresentou-se a Rainha á tua dextra com manto d'oiro, cercada de variedade.* A Ella se referia ainda, certamente, o evangelista S. João em seu *apocalypse*, quando diz: *que se abrixa o templo de Deus no Céo*, e que no meio d'elle *via-se a arca do sen testamento*; figura bem expressiva da Santissima Virgem Maria.

Oh!... prouvera a Deus que tão grande felicidade, e tão sobida honra, como esta de firmar com sello ultimo e definitivo creença tão universal, coubesse a Vossa Santidade, cujo affecto e filial amor á Immaculada Senhora é bastante notorio, depois de ter pelejado com admiravel prudencia e felicissimo exito as batalhas do Senhor, durante Vosso largo e espinhosissimo Pontificado.

Não vae ha muitos annos que, com fervorosisimas instancias se pedia esta mesma graça aos Padres do Sacro Concilio Vaticano; mas lamen-

taveis successos e dolorosos revezes, que ainda estão bem frescos na memoria de todos, vieram estorvar aquella respeitavel assembléa, e a questão houve de suspender-se

O amor, porem, Beatissimo Padre, é impaciente e não pode por mais tempo, esperar pelos melhoramentos politicos da Europa, e pela total elevação da ordem de cousas estabelecida pela revolução, afim de ver cumpridos e satisfeitos os insaciáveis e justissimos desejos da grei christã, e obtido o *alvo* de suas nobres aspirações.

E .. quem sabe?... talvez será por este facto que Deus espera, para que, prendendo ao nome e honra de sua Augusta Mãe os grandes acontecimentos da Igreja, mude por completo a face do globo, fazendo brilhar n'elle uma nova aurora, pelas luzes da *Fé* e do *Divino Amor*.

Vosso saudoso predecessor, o immortal Pio IX, em seu desterro de Gaeta, teve o pensamento da definição dogmatica da Immaculada Conceição de Maria, e o realizou; e este facto espalhou a alegria por todo o orbe catholico, especialmente n'esta nossa cidade de Sevilha, Mariana por excellencia, a qual, em reiterados manifestos e supplicas ardentes, solicitara da Sé Apostolica, a apressada realisação do *faustoso acontecimento*.

Tambem Vossa Santidade, d'ahi mesmo, d'essa prisão, em que a raça hostil e a oppressão das seitas o teem aferrolhado; d'ahi mesmo, digo, pode bradar, porque a palavra divina não está ligada, e preconizar bem alto e solememente, *que nossa Rainha e Senhora Maria Santissima, vive e reina em corpo e alma no Céu*.

Esta sentença, de gloria grande para a Mãe de Deus e dos homens, alegraria sobre maneira a quantos se prezam do nome de catholicos; faria exultar de júbilo. (seja-nos licito dizel-o), a alma e o coração dos sevilhanos, os quaes, como amam a Immaculada Conceição, alegam-se tambem pela sua gloriosa Assumpção; mysterio que, com orgulho o dizemos, dá nome, e honra ao nosso magesto templo metropolitano e patriarcal.

Esta seria tambem uma das maiores glorias de vosso Pontificado, que, junta a tantas outras, o faria sempre mais immortal».

*
* *
*

III -- KRUGER E SUA ESPOSA. — Morreu no dia 20 de julho a esposa do presidente do Transval.

Mulher de constituição robusta e de costumes simples e austeros, Susana Duplessis fazia já uns quarenta annos que se consorciára com Kruger, e tivera d'este abençoado matrimonio dezasseis filhos.

Antes de estalar a terrivel guerra com a Inglaterra, Susana levava a vida mais tranquilla e metódica do mundo. Levantava-se muito antes das 6 horas da manhã, e quando a essa hora o presidente do Transval, abria audiencia, Susana fazia as honras da côrte, sem luxo nem espalhafatos,

vestindo modestamente um traje de seda negra.

Toda a roupa de Kruger era cosida pelas mãos de sua esposa que odiava systematicamente o luxo e os artificios da moderna civilisação. Era digna esposa do chefe boer.

O seu coração commovia-se e cortava-se só com a lembrança da guerra.

Conta se que, no momento em que lhe veio noticia da carnificina de inglezes feita pelos boers, chorou amargamente.

Viu morrer na lucta com a Inglaterra os seus filhos e netos e assistiu á despedida do seu marido quando elle deixou a patria querida para melhor a defender.

Foi confiada em seu marido e em Deus que ella por sua vez succumbiu agora retalhada de desgostos pelo spectaculo de tanto sangue.

Um dia antes de sua morte, um despacho de Pretoria annunciava a Kruger, na Hollanda, que sua esposa soffria d'uma grande inflamação nos pulmões e que a sua vida estava por pouco.

Imagine-se como ficaria o velho soberano dos boers. No ponto mesmo em que lhe communicaram a nova de têr morrido sua esposa, Kruger desatou em pranto e soltou esta admiravel palavra: «*Era esposa modelo: só tivemos uma pequenina differença em nossa vida matrimonial, quando estavamos casados havia seis mezes*».

Os inglezes são os primeiros a prestar á fallecida dama a homenagem de seu respeito, admirando o seu talento e energia admiraveis.

Incarnação d'uma raça, alma crente e firme, a esposa de Kruger deixa em seu desgraçado povo uma memoria de eterna saudade, que é tambem um novo estimulo para elle manter a sua independencia.



BIBLIOGRAPHIA

Jesus Christo *pelos redactores da Alliança*.
Bella obrinha que se leva d'um só folego e cuja contextura está em flagrante contradicção com a ultima phase d'aquelle semanario catholico.

A figura preangelica de Jesus está em todas

as almas, em todas as consciencias, em todos os espiritos.

Nos tempos hodiernos, como ha quasi vinte seculos, o seu grande olhar amoroso e puro é alvorada suprema das existencias, a base ineffavel de toda a Fé, de toda a Esperança, de toda a Caridade.

Dizer o nome de Jesus é illuminar com letras d'ouro, toda a vida humana, como se cada uma d'ellas fôsse uma inegalavel estrella infinita.

Dizer o nome de Christo é rasgar as sombras d'um pégo profundo, e, destacar o viso lavado de santas harmonias, onde as almas conversam com os anjos, livres da lama terrena.

Jesus Christo — Homem Deus — encerra effectivamente todo o mundo novo, que, sobre as fumegantes ruinas do imperio dos cesares veio levantar para a consciencia humana o melhor altar, em que elle possa, na mais dignificante das orações, comunicar com Deus.

O seu nome, que tem a euphonia dulcissima d'um concerto, de constellações ideaes, que em cada raio luminoso agitassem um canto d'amor e bondade, é a legenda das legendas, como a alma do Nazareno é a alma das almas.

Pronuncia-se, e o espirito ajoelha irresistivelmente.

Pronuncia-se, e o peito repoua melhor.

Pronuncia-se e todos os nossos infortunios parecem ephemeros sonhos maus, todas as nossas angustias pequenos anseios despertos, todos os nossos martyrios vagas contrariedades já esquecidas.

E' vasado por este molde o estylo do segundo livro de *Propaganda Catholica*, editado pelo snr. Antonio Figueirinhas.

A intelligencia e sobretudo o coração aquecem perante a imagem radiante de Christo e mais ainda perante a sua voz e a sua doutrina; a imaginação divaga-se em assumptos de actualidade que prendem com a vida eterna de Jesus atravez dos seculos, e o entusiasmo não se faz esperar, dando vida e calor aos cinco capitulos do livrinho que versam respectivamente os assumptos seguintes:

Capitulo I. — Jesus Christo e as suas palavras deante dos juizes e verdugos — Jesus annuciado pelos prophetas — Ignotus Deus — Jesus no Synhedrio — Testemunho de Santo Agostinho — Jesus e a sociedade contemporanea, segundo a sua prophecia — A vida de Jesus é incomparavel — O brado dos povos da Judeia — Como Jesus confundiu os seus inimigos — Maria Magdalena — Dimas, o bandido — Jesus e os seus milagres — Jesus, o caminho, a verdade, a vida.

Capitulo II. — Jesus e a sua paixão — A sua serenidade e paciencia — O perdão aos verdugos — Jesus e Barrabás — Porque repellem os impios o sobrenatural — Jesus, resuscitado — A inanidade dos argumentos impios contra a resurreição de Christo — O crédito dos apóstolos — A resurreição em corpo e alma reclamada pela Justiça — A resurreição de Jesus, provando a immortalidade da

alma — Jesus em toda a parte — Os livres pensadores e a educação religiosa — Um caso singular — A influencia de Jesus — A questão social — Opinião de Napoleão I.

Capitulo III. — O reino de Deus — Dever do ampliarmos — Dever do coração e da consciencia — A solidariedade humana — Liberdade, igualdade e fraternidade — Os beneficios de Deus — O remedio de Deus remedio universal — Deveres do individuo, da familia, do Estado e da Humanidade — A sciencia, a arte e a moralidade — O povo portuguez e a Fé — A recompensa de S. Thomaz d'Aquino

Capitulo IV. — O que cumpre fazer, conhecido o reino de Deus — O que significa o lenitivo de Christo — Allocução de Jesus — Como n'ella se dá cura a todos os males sociaes e individuaes — Jesus, a base de todo o equilibrio social — Jesus e a sua Igreja — A sciencia e o Evangelho — Jesus inspiração dos poetas, pintores, muzicos, e architectos e oradores — Os proprios impios indirectamente proclamam Jesus.

Capitulo V. — Como se comprehende a vida de Jesus — As palavras de Jesus como guia do Dever — Lição dos actos de Jesus — A obra de Jesus garantia da felicidade humana — A obra de Jesus glorificada pela Historia — A velha Roma — O dever de propagar a obra de Jesus — Modo de o fazer — A situação do actual parochio de aldeia — Dever de lhe defendermos os direitos em nome da causa de Deus — O parochio sem pão, não póde cumprir os seus deveres — Conclusão.

Em assumptos d'estes, sobretudo quando se leva em mira a diffusão do espirito de piedade, são redundantes e dispensaveis as galas do estylo. Cala mais e melhor a verdade em toda a sua grande simplicidade.

O auctor bem o reconheceu quando disse: «Poderão as almas piedosas porventura achar a emphase no logar da logica ás vezes, mas nunca encontrarão a baixeza do sophisma»...

Mas isto não desabona o merito do livro, attentas as circumstancias do nosso meio litterario que renega de tudo quanto cheira a religião e não digere a verdade religiosa sem o doce involucro do estylo.

Ao snr. Antonio Figueirinhas agradecemos a gentileza da offerta d'esta obra como de muitas outras que vem editando, e aos nossos leitores recommendamos a acquisição do Jesus Christo.

Pedidos á *Livraria Editora de Antonio Figueirinhas, R. das Oliveiras 73.* — Porto.

A Paz d'Alma. — *Fructo da devoção á Eucharistia e do Abandono á Providencia pelo Padre Chaignon, vertida do francez, por Francisco d'Azevedo Teixeira d'Aguiar (conde de Samodães).*

Lêmos com a calma exigida pelas obras d'este genero todo o livro da *Paz d'Alma*, e com prazer o dizemos, muita vez achamos n'elle o reconforto para as feridas da alma e as suavidades que só as leituras santas pôdem verter nos corações fervorosos.

A *Paz d'Alma* é um livro excellente de piedade. Ou não fôsse elle bătido nas incudes do verdadeiro amor: *Eucharistia e Providencia* de Deus! A *Eucharistia* centro da vida toda da Igreja, e penhor anticipado da Bemaventurança.

A Providencia de Deus, mãe amorosa em cujos braços dormem o somno da paz as almas eleitas.

Só pela escolha do titulo se pôde avaliar de merito da obra e do espirito e do gosto com que o auctor a escreveu.

Os amigos conhecem-se nas occasiões. Os predestinados na devoção á *Eucharistia*. E' ali que a alma engolfada serenamente, dôcemente nos mysterios insondaveis do amor de Deus, acha um contrapezo ao pesado fardo da vida, tão cheia de inquietações, de enleios, de traições.

Bem o comprehendeu o auctor que ao sopro d'um fino espirito de piedade, não menos pelo coração do que pela razão discorre serenamente sobre — O Tabernaculo ou a presença real, a *Eucharistia* como Sacrificio, Jesus nossa alimentação, o que temos a fazer para secundar os desígnios de Jesus na *Eucharistia*?

E n'estas secções subdivididas em capitulos se absorve a primeira parte da obra onde se discorre finalmente sobre o amor de Jesus, as excellencias da sua presença — é doutor que nos ensina a sahir-nos bem d'este redemoinho da vida; é medico que nos balsamisa as dôres nos difficeis caminhos da existencia; é irmão, é amigo é tudo.

Vem depois o *Abandono dos cuidados da Providencia*, corollario dos amores cegos á *Eucharistia*. Quem se uniu com Jesus e se deificou com elle na *Eucharistia* que mais quer n'este mundo e no outro? Não tem no coração o thezouro dos thezouros e a riqueza das riquezas? Não é esse Deus *novamente encarnado* (passe a expressão) o que manda aos ventos das tribulações e acalma as tempestades da alma?

Para que succumbir ao desalento, á tristeza, aos embates da vida quem tem em Jesus um Deus de amor que se fez tudo

para todos, e que encontra as suas delicias entre os filhos dos homens?

E' no intuito de crear esta situação da alma para com Deus e a sua Providencia que o auctor depois de reproduzir um bello tratado da confiança em Deus (De M. Languet), desfiz com a auctoridade de abalisados ascetas todas as objecções que o receio costuma suggerir ás almas timoratas.

Como se vê o assumpto é de culminante importancia para as almas que enveredaram pelos caminhos da perfeição, que só essas o entenderão. E sobre sêr de importancia, não é commumente tratado (ao menos com esta profusão e clareza) pelas obras de piedade que circulam no nosso mercado litterario.

Recommendamol-o, pois aos nossos leitores, sem receios de os illudirmos.

Encontra-se á venda na *Livraria Catholica Portuense*, de *Aloysio Gomes da Silva*, Editor; 53, Largo dos Loyos, 54.

Custa 500 réis e tem os *direitos todos reservados*.



Chronica universal

ROMA

D'um nosso presado assignante recebemos a seguinte carta que gostosamente reproduzimos, pois é a rectificação a uma noticia truncada do nosso numero de julho.

Snr. Director.

Na bem redigida revista *Voz de Santo Antonio*, correspondente ao mez de julho do corrente anno, no artigo concernente ás mercês pontificias que teem recebido os snrs. Viscondes de S. João da Pesqueira, (e não condes), pelos altos serviços prestados á causa catholica, vejo varias inexactidões, (alias sem importancia), mas que se me afiguram dignas de reedificação.

Logo pouco depois dos importantes auxilios que os snrs. Viscondes de S. João da Pesqueira levaram á fundação do Collegio Ecclesiastico Portuguez, em Roma, Sua Santidade o Papa agradeceu o sr. Visconde com a grã-cruz da ordem de S. Gregorio Magno e a sr.^a Viscondessa com a cruz *Pro Ecclesia et Pontifice*. E recentemente foi conferida ao sr. Visconde a distinctissima graça de cavalleiro-grã-cruz da ordem pontificia de Christo.

Não tome V. Ex.^a estes esclarecimentos senão como o interesse que um portuguez sinceramente catholico e liberal tem por tudo quanto se relaciona com a sã propaganda da boa doutrina, por consequencia com o bom exito das publicações religiosas.

Desde já agradeço a attenção que V. Ex.^a se dignar dispensar a estas mal alinhavadas linhas.

De V. Ex.^a
att.^o ven.^o e obg.^o

V. de Castello Mendes.

PORTUGAL

A despeito da ultima lei sobre a reforma eleitoral, é sempre crescente o movimento religioso no paiz, e a grande idéa dos *Centros Nacionaes* vae se tornando em realidade.

E' que a sua formação satisfaz uma exigencia não só religiosa, mas tambem social. Setenta annos de *liberdade* rodados sobre a arena d'este pobre paiz, levaram o carro da politica, da industria e das finanças para a beira d'um abysmo tal, que só intelligencias pequeninas e corações obcecados se não enchem de pavor diante d'elle.

Estamos n'uma d'estas épocas em que o espirito humano individual e collectivamente rompe instinctivo para a conquista das suas regalias traçoeiramente sonegadas por aquelles mesmos que se proclamavam seus lidimos defensores.

E n'estes lances, que representam a vida ou a morte d'um individuo, todos correm, todos lutam pela conservação contra a dissolução, todos cerram fileiras e açacalam armas para defender a causa commum.

E' o que felizmente estamos presenciando n'este momento historico do nosso paiz, que é tambem o pronuncio d'um momento historico ou antes... philosophico.

Os nossos vindouros o dirão. E não será necessario esperar para o anno 3:000 para traçar serenamente, com a imparcialidade da historia, os lineamentos da nova cruzada que em nome de *Deus e da Patria* agrupou em torno da sua bandeira de paz multidoes opprimidas.

Em boa hora surgiu ella do meio da universal indolencia que dominava este povo.

Quando os partidos militantes, mancommunados entre si e prezos aos grillhões do syndicato, sacrificavam a uns poucos de especuladores o bem estar universal; quando o systema vigente, esfaqueado e roto pelas trampollinices da politica ameaçava afundar-se em voragem de tragica morte, quando a Religião de nossos Paes era impunemente ultrajada pela arbitragem e pela força, pela imprensa e pela arruaça — impunha-se, e impoz-se como necessidade implacavel a união dos crentes e a acção dos conservadores na defesa d'um commum ideal.

Uma e outra não faltaram, e ahi vemos do norte ao sul do paiz, trabalhar-se d'alto a baixo, em todas as camadas sociaes na formação, dos chamados *Centros Nacionaes*.

Não é só representado o miguelismo e o jesuitismo como aleivosamente aventou a imprensa da rua.

Entram das camadas sociaes as mais necessarias: clero, nobreza e povo. Entra do clero a parte mais sã, da nobreza entra gente de caracter e de fama illibada, do povo elementos valiosos cujo preço bem depressa o reconhecera os que só tem abusado do povo.

E para não faltarem com seu contingente os

mesmos partidos militantes, d'elles se vêem desprendendo não poucos elementos tanto mais valiosos quanto mais descontentes com a situação em que os pozera a *alliança dos generaes*.

FRANÇA

Lá têm os catholicos de abrir tambem nova esteira politica se não querem vêr cair nos escombros da derrocada christã os seus interesses mais legitimos.

O governo de Waldeck-Rousseau, ao qual tanta gente prophetizou no principio vida ephemera e, desastrada, lá está dictando *urbi et orbi* a nova legislação assente nas bases da injustiça e da espoliação.

Segundo informações da *Croix e do Pèlerin*, o governo portuguez e hespanhol tem sido nas questões de religião ultimamente suscitadas, um vil serventuário do governo francez.

Santa camaradagem esta, que lança excommunhões ás associações religiosas por terem relações com Roma e outras nações!

Então pode a maçonaria franceza impôr leis e aconselhar processos á maçonaria portugueza, e não pôdem os catholicos e os congreganistas vivêr em boa harmonia com seus irmãos do estrangeiro?

Mas onde está a fraternidade e a egualdade proclamada pelos canudos das chafarriccas? Inutil.

A ultima lei do governo francez é attenta da liberdade individual, prejudica o estado e vibra um golpe profundo no catholicismo.

Como a sua confecção e a sua execução prende com questões de momento e factos que têm de desdobrar se para breve no bastidor social, reservamós para o numero proximo a sua apreciação.

Por agora vamos recreando o nosso coração de catholicos com as boas novas que o correspondente do *Correio Nacional* lhe manda de Lourdes.

«Acaba de chegar o ultimo comboio especial que conduzia á feliz cidade da Virgem a grande peregrinação nacional; já mal se pôde atravessar a cidade e é extremamente difficil fazer caminho para a gruta, para as piscinas e entrar na Basilica.

Graças á gentileza do venerando bispo de Tarbes, um cartão especial de sua ex.^a dá-me livre entrada em todos os recintos.

Já se cruzam por toda a parte canticos á Virgem immaculada, e ha uma azafama indescriptivel da parte dos *brancatiers*, para approximar das piscinas com todo o cuidado possivel a mil e tantos doentes que acompanhavam a peregrinação.

Onde se pode apreciar melhor este numero-so estendal de miserias humanas foi na commoventissima e imponente procissão do Santissimo que acaba de realisar se em volta da Gruta e da grande explanada que se desenrola em frente da Basilica. E' a primeira vez que assisto a este espectáculo na realidade grandioso; cerca de cincoenta mil pessoas distribuidas pela Gruta, pelo terraço da Basilica, pelas escadas que orlam a Igreja do Rosario, pela collina que conduz ao Calvario, e pelo espaço que percorria a commovente e tocante procissão, davam a este amplo

recinto sagrado um aspecto deslumbrante e singularmente magestoso.

E' impossivel descrever a série de impressões profundissimas que por vezes me provocaram as lagrimas suscitadas no precurso da procissão pelas supplicas, choros e imprecações que de todos os pontos onde havia enfermos se dirigiam á Hostia Sacrosanta de Christo-Rei, que ia abençoando os doentes, e á Virgem Immaculada; depois os hymnos religiosos que a multidão unisona entoava repleta de fé e fremente de enthusiasmo, entrecortados aqui e acolá pelas mais tocantes e clamorosas supplicas com que um dos dirigentes da peregrinação como que exigia do Salvador a cura dos infelizes doentes que, impacientes, aguardavam a hora do seu *surge et ambula*, mais de uma vez impuzeram ao meu espirito como logica e rigorosamente verdadeira a conclusão a que chegou o venerando padre Bardes quando definia Lourdes dizendo: — Lourdes, si tu n'es pas le Ciel, tu nous en fais goûter les charmes.

Nem o sobrenatural do milagre operado á minha vista faltou para se radicar em mim o alto conceito em que tenho esta estancia maravilhosa, pois tendo muito de proposito acompanhado a procissão logo junto do Santissimo, atraz do venerando bispo da diocese, tive a grande dita de vêr erguer-se rapidamente perto de mim uma doente completamente paralytica.

Ainda a tocante procissão não tinha terminado e já de varios pontos rompem entusiastas aclamações; duas creanças, atacadas de rheumatismo e do mal de Pot, correm alegres, cantando a sua cura; no meio da grande massa de povo vê-se então tudo cantar, chorar e rir; levantam-se alguns doentes do seu leito de dôr, mas muitos d'elles apenas accusam algumas melhoras. Dirigi-me então ao *Bureau de constatation* para saber officialmente das curas scientifiicamente averiguadas e posso ter a satisfação de poder registar os seguintes milagres:

Uma senhora Turban, de Beauvais, com 26 annos de idade, soffria, segundo os certificados dos seus medicos, de anemia profunda com tuberculose e palpitações; não podia de modo algum ter-se de pé, nem falar; vivia continuamente deitada e o seu estado aggravava-se a olhos vistos; á passagem do Santissimo Sacramento levantou-se gritando: estou curada.

Verifiquei que foi a doente que eu vi erguer-se e que me diziam estar paralytica.

Esta miraculada, que caminha agora perfectamente e bem direita, canta a *Ave Maria* no *bureau* das constatações na presença mesmo do ex.^{mo} bispo de Tarbes, que a abençoou

E' depois examinada por muitos medicos das facultades de Lille e de Paris e inclusivamente pelo proprio medico que a tinha visto em Beauvais, todos declaram que já lhe não encontram nenhuma lesão no pulmão.

Uma menina de Paris, Elisa Flament, tinha dôres rheumaticas nas mãos e na columna vertebral; agora já anda e tambem direita.

Os medicos reconhecem tambem grandes melhoras no estado de saude de Germana Prez, tubercula no segundo grau, que aqui chegou moribunda esta manhã e que se levantou quando o sacerdote erguia a custodia sobre a cabeça d'ella.

Margarida Mouché, de Nançois, com cinco

annos de idade, é uma das creanças attingidas pelo mal de Pot que corria atraz do pallio; a creança estava completamente insensivel a todo o movimento; sua mãe, arrastada pela multidão, levou-a triumphante ao *bureau* das constatações; os medicos, porem, despem a creança e, depois de a examinarem bem, recusam-se a proclamar a cura da creança, com grande desapontamento para a mãe.

— São umas melhoras ligeiras, lhe dizem elles.

Ao que a infeliz mãe replica, chorando:

— O que é tambem verdade é que minha filha ha uma hora não podia caminhar nem ter-se de pé e agora já anda.

E não dando pelo exame dos illustres peritos, accrescenta:

— Já que dizem que minha filha não está completamente curada vou pedir novamente e com mais força á Virgem Immaculada e depois nós veremos.

Este incidente, a que eu assisti no proprio *bureau*, mostra bem o escrupulo com que os medicos de serviço n'esta repartição procedem no desempenho da sua delicada missão. Não precisava ter visto o que vi para concluir, em que pese a Zola, com todo o rigor a que me dá direito a logica dos factos, que Lourdes não é sómente a consolação mas é tambem a verdade».

TURQUIA E FRANÇA

Como informa o *Jornal do Commercio* os ultimos telegrammas recebidos sobre o conflicto imminente entre a França e a Turquia apresentam a questão sob um novo aspecto, tendente a uma conciliação.

A Agência Havas recebeu do seu correspondente em Constantinopla um relatorio muito completo das difficuldades que surgiram entre o governo ottomano e o governo francez, a proposito da Sociedade dos caes de Constantinopla e das reclamações de grande numero de subditos francezes.

O sultão, deslumbrado pela idéa de que a posse dos caes da sua capital por estrangeiros constitue não se sabe que perigo imaginario, quer absolutamente resgatal-os, como é do seu direito, nos termos da concessão feita a capitalistas francezes, constituídos em sociedade ottomana.

A sociedade concessionaria não contesta de nenhuma forma esse direito e, se se tratasse unicamente de discutir o preço do resgate, não haveria motivo para a embaixada intervir. A difficuldade é outra.

Sob pretextos da sua intenção de resgate, o Sultão ha muito que conserva a sociedade n'uma situação que a prejudica.

Semelhante estado de coisas, prolongando-se indefinidamente, causa um damno consideravel á Sociedade dos caes, isto é, a cidadãos francezes.

Estes, vendo que as suas reclamações não tinham o menor seguimento, dirigiram-se por fim á sua embaixada.

M. Constans, com a sua reconhecida encargi, pôz ao sultão o seguinte dilemma: ou resgatar os caes e pagar a garantia devida, ou deixar a sociedade exercer os seus direitos.

O sultão começou por dizer que o preço do

resgate era muito elevado. Mas esse preço foi reduzido a 45 milhões de francos, que, depois, de algum tanto regateado, desceu a 41 milhões de francos, o que foi aceite.

Mas — e é aqui que começa a grande dificuldade — com que pagar essa somma? O thesouro está na ultima, e a situação financeira é mais critica do que nunca.

— N'esse caso renuncie ao resgate, disse-lhe o embaixador.

— Não! responde o sultão, insisto no resgate.

— Pois então fixe um prazo determinado, dê garantias, que nós lhe daremos credito.

Nada mais logico do que esta linguagem. No entretanto, como o sultão continuasse a responder com evasivas, M. Constans enviou-lhe a nota, que já é conhecida pelos nossos leitores, e em que ameaçava a Turquia de tomar medidas de força, caso a situação se não definisse claramente.

A intimação de M. Constans produziu o seu effeito, ao que se deduz do novo aspecto que a questão vae tomando, apontando-se já duas alternativas para a solução amigavel do conflicto:

Ou o sultão, sem renunciar á sua idéa fixa do resgate, adia a sua execução para um momento, ainda incerto, em que as finanças do Estado tenham melhorado, e até então deixa a sociedade exercer a plenitude dos seus direitos, com reserva para esta de fixar o preço do resgate segundo as circumstancias novas em que se encontrar a sua propriedade;

Ou a França imaginará uma combinação que facilite ao governo ottomano a operação immediata do resgate.

Aventou-se já a idéa de procurar a França os meios da Turquia contrahir um emprestimo de cem milhões de francos, para pagar, em primeiro logar, o resgate dos caes, e depois os creditos de subditos francezes, pelos quaes tambem se interessa a embaixada franceza.

A GUERRA NA AFRICA DO SUL

Declarações do Presidente Kruger. — O *Freeman's Journal* publica uma conversação entre M. William Redmond e o presidente Kruger, que recebeu o deputado irlandez com grande affabilidade.

Eis algumas respostas do Presidente Kruger ás perguntas do deputado irlandez:

Considero os irlandezes como irmãos na oppressão. Conheço as suas sympathias e agradeço-lhes o estarem do lado da justiça. Dizei aos deputados irlandezes que lhes estou profundamente reconhecido pelos seus esforços. Desejo que elles os continuem, porque a nossa causa é a da justiça e da verdade.

A'cerca da proclamação de lord Kitchener, e do recente discurso de Chamberlain, o presidente disse:

O meu povo não se deixará amedrontar por semelhantes proclamações e discursos, que não podem senão animar os que combatem a continuar. Quanto ás palavras de Chamberlain, a respeito dos indigenas, digo que os inglezes desde o principio armaram os indigenas contra nós.

Nos primeiros tempos da guerra em Derdeport, indigenas armados e guiados por inglezes atacaram os nossos acampamentos, mataram mulheres e creanças e fizeram alguns captivos. Os cafres da Suazilandia fizeram o mesmo por instigação dos inglezes. Nós, nunca empregamos cafres armados; foi sempre contra os nossos principios empregar um negro contra um branco.

O Presidente nega que tenha havido conspiração para expulsar os inglezes da Africa do Sul. Não tem nenhuma fé nas promessas feitas pelos inglezes para levarem os boers a render-se. Quanto ao futuro, Deus dirá e libertará os boers. O Presidente pede todos os dias ao Senhor que abra os olhos da Inglaterra e a reconduza ao caminho da verdade e da justiça.

Tudo o que nós lhe pedimos — acrescentou elle — é gozar do que nos pertence. Se obtivermos a nossa independencia trabalharemos em reconstituir o nosso paiz; mas para isso precisamos de uma independencia completa.

O Presidente Kruger declara que nada ha de definitivo sobre a sua viagem á America. Quando M. Redmond se despediu, Kruger disse-lhe:

«Pode pedir a palavra no parlamento e repetir tudo o que eu lhe disse».

